

# FARRA DAS BETS



Nas últimas semanas, prisões de nomes conhecidos como o cantor sertanejo Gustavo Lima e a influencer Deolane Bezerra trouxe à tona a Operação Integration, que investiga a farra das bet no Brasil em esquema de lavagem e desvio de dinheiro.

País sofre com “pandemia” de apostas

**focus**  
**BRASIL**

Bets: Prisões, lavagem de dinheiro e altas cifras

Como está a saúde mental dos brasileiros?

Laurentino Gomes: 'A história é feita por gente, pessoas reais'

Almodóvar chega aos 75 anos com filme novo



# SEJA UM VOLUNTÁRIO E ESPALHE A VERDADE

*Quer ajudar o povo  
do **Rio Grande do Sul** e  
combater notícias falsas?*

*Entre no grupo  
de Caçadores de  
**FAKE NEWS***

[bit.ly/cacadoresfakenews](https://bit.ly/cacadoresfakenews)

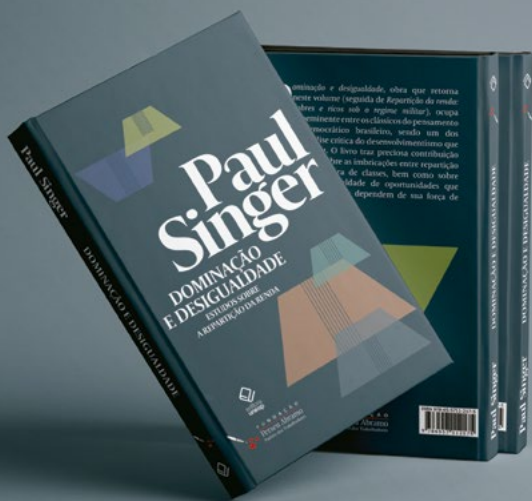




# DOMINAÇÃO E DESIGUALDADE

## ESTUDOS SOBRE A REPARTIÇÃO DE RENDA

PAUL SINGER



ADQUIRA SEU EXEMPLAR:

[editoraunesp.com.br](http://editoraunesp.com.br)



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



editora  
unesp

# focus

BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Guto Alves,

Henrique Nunes e Nathalie Nascimento



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de

Oliveira, Carlos Henrique Árabe,

Jorge Bittar e Valter Pomar

### CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria

de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira

Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim,

Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio,

Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque,

Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel,

Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada

Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima,

Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza

Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena

Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

### CONTATOS

[webmaster@fpabramo.org.br](mailto:webmaster@fpabramo.org.br)

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

RECONEXÃO PERIFÉRIAS  
LANÇAMENTO DO CADERNO

26/04 - DAS 16H ÀS 19H

CHACINAS E FEMINICÍDIOS  
OS CASOS DE REALENGO E CAMPINAS



Local: Ocupação Nove de Julho  
R. Álvaro de Carvalho, 427  
Bela Vista - São Paulo

FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



cesc  
Centro de Estudos de  
Segurança e Cidadania

SÃO PAULO





Reprodução

# APOSTAS SEM FIM

Em cinco anos, o número de brasileiros que apostaram nas chamadas bets chegou a 52 milhões. Do total, 48% são considerados novos jogadores – apostaram nos primeiros sete meses deste ano, segundo o Instituto Locomotiva. A Operação Integration, da Polícia Civil de Pernambuco, deflagrada em 4 de setembro, investiga esquemas de lavagem de dinheiro e desvios.

Página 06

## CARTA AO LEITORA

Polarização entre a civilização e a barbárie, por Alberto Cantalice

Página 05

CAPA Prisões, lavagem de dinheiro e altas cifras: o que se sabe sobre a 'farra das bets'

Página 06

IMPACTO 1,3 milhão de brasileiros ficaram inadimplentes no primeiro semestre com apostas

ALERTA Como está a saúde mental dos brasileiros?

Página 10

JUSTIÇA Moraes impõe multa de R\$5 milhões a Musk e X volta a ser suspenso

Página 12

DECRETO Governo quer multas maiores para provocadores de incêndio

Página 14

ENTREVISTA Laurentino Gomes fala de passado de escravidão e da história do Brasil

Página 15

ECONOMIA Governo Lula reforça o Brasil mais produtivo com digitalização de empresas

Página 22

ELEIÇÕES MST busca fortalecer representação e debater políticas públicas

Página 25

ARTIGO Até quando mulheres serão culpabilizadas pelas violências sofridas?

Página 26

SENADO Senadores do PT irão debater incêndios e mudanças climáticas

Página 27

LEGADO Centro de Memória da Fundação Perseu Abramo recebe documentação de Gushiken

Página 28

FPA Série de vídeos da Fundação Perseu Abramo mostra como abordar população idosa

Página 29

CULTURA Os 75 anos de Almodóvar: cineasta espanhol é cotado para o Oscar mais uma vez

Página 30

INTERNACIONAL Na ONU, Lula critica negociação entre líderes e propõe reformas

Página 33

# A POLARIZAÇÃO ENTRE A CIVILIZAÇÃO E A BARBÁRIE É NECESSÁRIA

Nas eleições de 2022 a polarização se deu de forma cristalina entre o progresso encarnado por Lula. Essa polarização continuará nas eleições de 2024 e perdurará em 2026, à despeito do que propalam os “engenheiros de obra pronta” da mídia tradicional.

**Alberto Cantalice**

**A**s grandes nações do mundo cresceram e se desenvolveram em ambientes polarizados. Historicamente, os exemplos são lapidares: os EUA com Republicanos e Democratas, a Inglaterra com Conservadores e Trabalhistas, a Alemanha com a Social-Democracia, os Comunistas e o Nazismo, a China com os Comunistas e os Nacionalistas do Kuomintang, e na Itália, os Socialistas e o Fascismo. Só para ficar nesses exemplos.

A pauta sobre o direito ao sufrágio por parte das mulheres, o combate à segregação racial, o Estado de bem-estar e o capitalismo X socialismo, moldaram o panorama do Século XX e entrou com força no Século XXI. E só progrediram com luta social.

A emergência da extrema-direita e sua pauta reacionária que embalado em um discurso nativista traz no pacote a xenofobia, o racismo e a lgbtfofia, elevou as disputas pelos aparelhos para um patamar inimaginável anos atrás.

A ascensão de Donald Trump, antecedido pela campanha pelo Brexit, na Inglaterra, mostrou a nova faceta da direita extrema: a produção de notícias falsas,

as chamadas fakes News, em escala industrial.

## **Panorama**

As derrotas inesperadas tanto no Reino Unido quanto nos EUA em 2016, as “Revoluções coloridas” mundo afora impulsionadas pelas novas mídias serviram de alerta para as forças progressistas para o ressurgimento da extrema direita. O AFD alemão, os Fratelli D'Itália de Giorgia Meloni, a Frente Nacional de Marine Le Pen, o VOX da Espanha, o Chega em Portugal e o “libertarismo” de Javier Milei na Argentina e o bolsonarismo no Brasil, todos liderados pelo supremacismo branco Norte-Americano. Estes segmentos são a face mais visível desse reacionarismo que no passado agiu sob as lideranças de Adolf Hitler e Benito Mussolini.

“No fundo de seus corações, as grandes massas populares são mais propensas a serem envenenadas do que a praticarem o mal de forma consciente e deliberada. Na simplicidade primitiva de suas mentes, as pessoas são vitimadas mais facilmente por uma mentira grande do que por uma pequena, uma vez que eles mesmos, às vezes contam uma mentira boba, porém, teriam pudores de contar uma grande”. Essa assertiva foi escrita por Hitler em

sua obra máxima, Mein Kampf.

Não é difícil encontrar similaridade nas práticas desenvolvidas por Donald Trump e seus acólitos. Bolsonaro à frente.

## **A polarização e o discurso**

Por outro lado, os progressistas e as esquerdas com sua crítica contundente às desigualdades sociais, à xenofobia, ao individualismo, ao machismo, e a lgbtfofia devem, juntamente com os movimentos populares, confrontar a extrema direita, apontando um novo caminho. Não há como conciliar com a regressão das pautas civilizatórias, a destruição do meio ambiente e as mudanças climáticas.

Nas eleições de 2022 a polarização se deu de forma cristalina entre o progresso encarnado por Lula e a regressão reacionária liderada por Bolsonaro.

Essa polarização continuará nas eleições de 2024 e perdurará em 2026, à despeito do que propalam os “engenheiros de obra pronta” da mídia tradicional.

Os negacionistas da ciência, os profetas da destruição e do caos, os acumuladores de dinheiro e os fundamentalistas terão que ser derrotados. Só se combate a mentira com a verdade. Não há outro caminho!





Dono e co-ceo da VaideBet, André e Aislla Rocha, ao lado do casal Gustavo Lima e Andressa Suíte em festa na Grécia

# PRISÕES, LAVAGEM DE DINHEIRO E ALTAS CIFRAS: O QUE SE SABE SOBRE A 'FARRA DAS BETS'

A Polícia Civil informou que os investigados esconderam bens de origem ilícita. Carros, aeronaves, imóveis e contratos milionários de publicidade foram utilizados para lavar dinheiro proveniente de apostas e jogo do bicho

**É** impossível navegar em qualquer rede social sem se deparar com inúmeros - e insistentes - anúncios tentando te convencer a se prejudicar: a se cadastrar em uma das dezenas de casas de apostas online.

Além dos anúncios, há cerca de um ano, influenciadores, de pequenos a gigantes, iniciaram divulgação em massa de plataformas de apostas. O "boom" chamou atenção de especialistas, da imprensa, políticos e de autoridades.

Para investigar relações de organizações criminosas, a Polícia Civil de Pernambuco deflagrou a Operação Integration, que apura um suposto esquema milionário de lavagem de dinheiro de cassinos online e casas de jogo do bicho.

A Polícia Civil informou que os investigados esconderam bens de origem ilícita. Carros, aeronaves, imóveis e contratos

milionários de publicidade foram utilizados para lavar dinheiro proveniente de apostas e jogo do bicho.

A Operação Integration, deflagrada em 4 de setembro, teve origem na apreensão de um saco de dinheiro do jogo do bicho em 2022. O valor foi encontrado em uma banca de jogos no Recife, pertencente a Darwin Henrique da Silva, apontado pela polícia como um conhecido bicheiro da cidade.

A operação ganhou popularidade após a influenciadora Deolane Bezerra e sua mãe, Solange Bezerra, serem presas por suspeita de envolvimento no dia 10 de setembro. Na tarde de segunda-feira (23), outro nome conhecido do público brasileiro foi preso pela Polícia Federal, o cantor sertanejo Gustavo Lima. Ambos já foram soltos por decisão da Justiça de Pernambuco.

A suspeita é que as empresas de Deolane Bezerra (Zeroumbet) e do cantor Gustavo Lima (Bala-

da Eventos e Produções) tenham ocultado valores provenientes de casas de apostas online. Além de Gustavo e Deolane, a operação investiga outras 21 pessoas, incluindo os sócios da empresa Vai de Bet, de Goiânia: José André Rocha Neto e Aislla Truta Henriques da Rocha, esposa de José André.

O "Embaixador" Gustavo Lima é sócio da Vai de Bet, possuindo 25% da casa de apostas online, segundo o TJ-PE. Além disso, ele teria ajudado na fuga do casal José André da Rocha Neto e Aislla Sabrina Rocha, donos do site. Eles teriam ido no avião do Embaixador de Goiânia até a Grécia, mas não retornaram para o país. A suspeita é que eles teriam ficado no continente europeu.

A relação entre Gustavo Lima e o casal investigado ganhou mais atenção da Justiça após a festa de aniversário do cantor, realizada em 3 de setembro, pouco antes da deflagração da Opera-



Reprodução Instagram

Gustavo Lima recebeu cerca de 100 pessoas no iate avaliado em R\$ 1 bilhão: entre os convidados estavam o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, e o dono da SAF do Cruzeiro, Pedro Lourenço



ção Integration. A celebração, marcada pelo luxo, ocorreu no iate do sertanejo, avaliado em R\$ 1 bilhão. Entre os presentes estavam os sócios da empresa Vai de Bet, além de outros convidados, o que levantou suspeitas adicionais sobre o vínculo entre o cantor e os investigados. A defesa de Lima nega qualquer envolvimento nos crimes.

O ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal (STF), esteve presente na "festa grega" do cantor sertanejo Gustavo Lima, celebrado em um iate na ilha de Mykonos, Grécia. O ministro disse ter aproveitado a proximidade para visitar a Grécia e parabenizar o cantor. Durante esse período, o ministro participou de sessões do STF e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de forma remota.

## Cronologia da operação

A Operação Integration, deflagrada em 4 de setembro, teve início após a apreensão de um saco de dinheiro ligado ao jogo do bicho em 2022. O montante foi encontrado em uma banca de jogos no Recife, pertencente a Darwin Henrique da Silva, apontado pela polícia como um bicheiro conhecido na cidade.

Darwin é pai de Darwin Henrique da Silva Filho, dono da casa de apostas Esportes da Sorte, uma empresa legalizada com sede em Curaçao, no Caribe. No entanto, os depósitos feitos na plataforma pelos apostadores são realizados via PIX para outra empresa, a Pay Brokers - Facilitadora de Pagamentos, sediada em Curitiba.

A influenciadora Deolane Bezerra já fez propaganda para a Esportes da Sorte em vídeos na internet. Segundo a decisão judicial que ordenou a prisão de Gustavo Lima, o cantor adquiriu 25% da empresa em 1º de junho

deste ano, o que, para a juíza, indica sua participação no esquema investigado.

Em 19 de julho de 2024, Deolane Bezerra abriu a empresa de apostas Zeroumbet, com um capital de R\$ 30 milhões. Em 4 de setembro, a Operação Integration foi deflagrada, resultando na prisão de Deolane e mais de 10 suspeitos de participação em um esquema de lavagem de dinheiro, incluindo Darwin Henrique da Silva Filho, dono da casa de apostas Esportes da Sorte, e sua esposa, Maria Eduarda Filizola.

No mesmo dia, Deolane divulgou uma carta em suas redes sociais afirmando ser vítima de "uma grande injustiça" e alegando que ela e sua família sofriam preconceito. No decorrer da operação, o avião do cantor Gustavo Lima foi apreendido pela Polícia Civil de São Paulo, enquanto o cantor estava na Grécia, onde havia viajado no dia 3 de setembro para comemorar seu aniversário.

Em 5 de setembro, Darwin Filho e sua esposa se entregaram à polícia, e Gustavo Lima negou envolvimento com o avião apreendido, informando que a aeronave havia sido vendida para a empresa J.M.J Participações. Entretanto, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) confirmou que, apesar da negociação, o avião ainda estava registrado no nome da empresa de Gustavo Lima.

No dia 7 de setembro, outro avião do cantor retornou da Grécia sem os passageiros José André Rocha Neto e Aislla Truta Henriques da Rocha, sócios da empresa Vai de Bet, também investigados na operação. O casal havia embarcado em Goiânia com destino a Atenas, mas não retornou no voo, sendo considerados foragidos dias depois.

Em 9 de setembro, Deolane e outros 17 investigados receberam permissão para cumprir pri-

são domiciliar. No entanto, em 10 de setembro, após declarações públicas, a prisão domiciliar de Deolane foi revogada, e ela foi levada ao presídio de Buíque, no Agreste de Pernambuco, onde permaneceu até 23 de setembro.

No dia 20 de setembro, o Ministério Público de Pernambuco recomendou a substituição da prisão de Deolane por medidas alternativas. Em 23 de setembro, o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE) ordenou a soltura de Deolane e outros 16 investigados. Na terça-feira (24/9), Deolane foi libertada do presídio após a concessão de habeas corpus.

## O perigo das apostas

Vinte e cinco milhões de pessoas passaram a fazer apostas esportivas em plataformas eletrônicas nos sete meses iniciais de 2024, de janeiro a julho, uma média de 3,5 milhões por mês. Para se ter uma ideia dessa velocidade, o intervalo de tempo é menor do que o que o coronavírus levou para contagiar o mesmo número de pessoas no Brasil - 11 meses, entre 26 de fevereiro de 2020 e 28 de janeiro de 2021.

Em cinco anos, o número de brasileiros que apostaram nas chamadas bets chegou a 52 milhões. Do total, 48% são considerados novos jogadores - apostaram nos primeiros sete meses deste ano. Os dados fazem parte de pesquisa de opinião do Instituto Locomotiva, aplicada entre os dias 3 e 7 de agosto.

O levantamento traçou um perfil dos apostadores de bets. Cinquenta e três por cento são homens e 47% são mulheres. Quatro de cada dez jogadores têm entre 18 e 29 anos; 41% estão na faixa etária de 30 a 49 anos; e 19% têm 50 anos ou mais. Oito de cada dez são pessoas das classes CD e E; e dois de cada dez são classe A ou B.



# 1,3 MILHÃO DE BRASILEIROS FICARAM INADIMPLENTES NO 1º SEMESTRE COM APOSTAS, DIZ CNC

De junho de 2023 a junho de 2024, os brasileiros já gastaram R\$ 68 bilhões em jogos, o que corresponde a 0,62% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. As perdas decorrentes das apostas somam em torno de R\$ 24 bilhões.

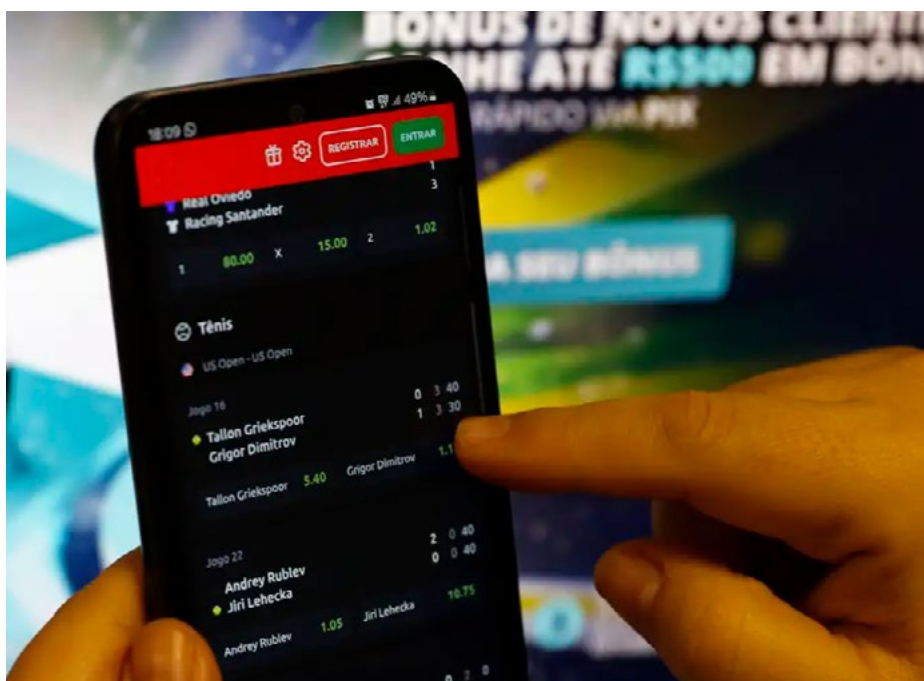
**D**iante desse cenário, a CNC revisou para baixo a projeção de crescimento do setor varejista em 2024, de 2,2% para 2,1%. A queda é reflexo do impacto negativo decorrente do aumento desenfreado das apostas on-line, que tem comprometido a renda das famílias ao destinar, para jogos de azar, orçamento que seria para compras de alimentos, produtos de higiene pessoal, vestuário etc.

Outra grave consequência das bets sem regulação é que o setor varejista pode ter perda de até R\$ 117 bilhões em seu faturamento anual, o que significa redução de até 11,2%, apontou a CNC.

A pesquisa da CNC trouxe mais dados alarmantes. Cerca de 22% da renda disponível das famílias brasileiras foi consumida em apostas no último ano, o que gera o aumento da inadimplência. Na avaliação do economista-chefe da CNC, Felipe Tavares, as consequências econômicas e sociais do jogo sem controle afeta especialmente as classes mais vulneráveis. Muitos são beneficiários de programas sociais e chefes de família.

“Isso pode agravar ainda mais o ciclo de pobreza e desigualdade, já que muitos estão utilizando recursos essenciais para apostar”, reforça Tavares, ao afirmar que o público jovem e de baixa renda é o mais impactado.”

As apostas, que inicialmente parecem uma forma de entretenimento, acabam comprometendo uma parte considerável do orça-



Bruno Peres/Agência Brasil

mento, resultando na inadimplência e na redução do consumo de bens essenciais”, afirmou o economista ao Portal do Comércio.

## PL quer neutralizar efeitos do jogo compulsivo

Para por um fim à farra das bets, a deputada federal Gleisi Hoffmann, presidenta do PT, apresentou o projeto de lei 3524/2024 proibindo publicidade e marketing de casas de apostas online. Elas foram legalizadas em 2018 e, desde então, praticam publicidade ostensiva nas mídias digitais, rádios e tvs. Por isso, seu crescimento é exponencial, como também os lucros de quem comanda as plataformas e os prejuízos e ruína pessoal e famílias dos jogadores.

“A nosso ver, a vedação das ações de comunicação, publicidade e marketing relacionadas às loterias de apostas de quota fixa é essencial para reduzir a exposição da população a conteúdos que podem induzir ao comportamento de risco”, explicou Gleisi na justificativa do projeto de lei que quer neutralizar os efeitos do jogo compulsivo, com consumo consciente e socialmente responsável.

O projeto de lei prevê ainda a limitação de promoções que incentivem novas apostas por meio de bônus e vantagens, gerando ambiente seguro e responsável, e responsabilizar as plataformas de internet e provedores de conexão. Eles ficarão passíveis da exigência de bloqueio e remoção de conteúdos relacionados à publicidade de apostas, após notificação das autoridades.



# “ALERTA DE GATILHO”: COMO ESTÁ A SAÚDE MENTAL DOS BRASILEIROS?

O quadro é preocupante com afastamentos no trabalho, avanço de apostas online e prevalência de transtornos de ansiedade em crianças

**Claudia Rocha**

**A**natureza alegre e receptiva do brasileiro, construída a partir de uma visão do senso comum, atualmente, contrasta com índices crescentes nos últimos anos de quadros crônicos de saúde mental, como depressão e ansiedade.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), somos o país com a maior taxa de depressão da América do Sul - com cerca de 6% da população já diagnosticada com o transtorno.

Os dados da agência relacionados à ansiedade no país são ainda mais alarmantes, pois colocam os brasileiros no topo da lista de ansiosos, com cerca de 9% da população (mais de 19 milhões de pessoas) sofrendo com os sintomas.

Mas, para além do compilado oficial da organização internacional, outros levantamentos demonstram que a situação pode ser ainda mais grave. Uma pesquisa, divulgada em julho deste ano pelo Instituto Cactus em parceria com a Atlas Intel, apontou que 68% relatam sofrer, com frequência, sintomas como nervosismo, ansiedade e tensão, mas que 55% nunca procuraram qualquer tipo de ajuda médica.

## Incapacidade de trabalhar

O assunto é acompanhado de maneira transversal, já que uma parcela significativa acaba desenvolvendo formas incapacitantes das doenças. O Ministério da Previdência Social mostrou que, somente em 2023, o Instituto Na-

cional do Seguro Social (INSS) concedeu mais de 288 mil benefícios por incapacidade devido à disfunção de atividade cerebral e comportamental. O número é 38% maior do que em 2022.

O ex-ministro da Saúde Arthur Chioro destaca que é preciso analisar o crescimento do índice com a perspectiva de que o mundo passou por um momento de pandemia, e foram vistos efeitos prolongados da desorganização mental durante o período. Além disso, o médico sanitário pontua que o quadro tem relação direta com dados econômicos de desemprego e crise, vividos no último período. Ele lembra também que muitos trabalhadores informais passam ao largo do monitoramento oficial.

“A partir de 2023, o Sistema Único de Saúde volta a disponibilizar a rede de atendimento psicos-



social, portanto existe um impacto maior no acolhimento, então, é preciso considerar esse ponto”, afirma Chioro. No governo de Jair Bolsonaro, a Coordenação de Saúde Mental foi extinta no ministério.

Mesmo com uma maior atenção para as políticas de saúde mental na pasta da Saúde no atual governo, buscar ajuda segue uma tarefa difícil na maioria dos casos, seja pelo forte estigma social que os transtornos carregam, seja pela falta de protocolo no atendimento. O mais comum é que as pessoas que sofrem com depressão ou ansiedade busquem ajuda já em um momento mais agudo da doença, quando a vida social e profissional já foi afetada.

Segundo o Ministério da Saúde, “o bem-estar de uma pessoa não depende apenas do aspecto psicológico e emocional, mas também de condições fundamentais, como saúde física, apoio social, condições de vida. Além dos aspectos individuais, a saúde mental é também determinada pelos aspectos sociais, ambientais e econômicos”.

Dentro desses aspectos sociais, a relação entre dificuldade financeira e questões de saúde mental não é novidade, apesar de pouco registro em termos de pesquisa. Um levantamento feito pelo Ibope encomendado pela Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (Abrata), em 2008, já mostrava que as classes C e D são as mais vulneráveis à depressão. A pesquisa identificou sintomas depressivos em 25% das pessoas desse estrato social, contra 15% das classes A e B.

## Vício em apostas

Somente neste ano de 2024, 25 milhões de pessoas tornaram-se novos apostadores nas plataformas conhecidas como “bets”, que oferecem o serviço de apostas esportivas legal e ilegalmente no Brasil e em diversos países. Na somatória dos últimos cinco anos, o número de brasileiros apostadores chegou a 52 milhões.

Os números, fornecidos por



uma instituição de pesquisa de mercado, o Instituto Locomotiva, assustam do ponto de vista quantitativo e preocupam no que diz respeito à classe social dos apostadores: oito em cada dez fazem parte das classes C, D e E; e quatro em cada dez jogadores têm entre 18 e 29 anos.

Outro traço em comum no perfil dos apostadores nas bets é que 86% têm dívida e que 64% estão negativados na Serasa; algo que complica ainda mais o quadro. Relatos de divórcios, pessoas que venderam suas casas e jovens desempregados completamente endividados não são incomuns nesse sentido.

Na última quarta-feira (18), a ministra da Saúde, Nísia Trindade, fez uma declaração a jornalistas no Palácio do Planalto: “acho que essa questão dos jogos nos meios virtuais, cada vez mais intensa, seu impacto na vida das pessoas e na saúde mental requerem uma forte regulação”.

Integrante do NAPPs, o Núcleos de Acompanhamento de Políticas Públicas da Fundação Perseu Abramo, o ex-ministro Arthur Chioro alerta que “nossa rede pública de saúde não está preparada para essa nova potencial epidemia de dependentes psíquicos das apostas eletrônicas, nós vamos ter que, interdisciplinarmente, discutir o que fazer, como mediar, como reduzir danos”.

A perspectiva é que seja criado um Grupo Interministerial de Trabalho para tratar do assunto

na esfera federal. Pela gravidade do tema, surgem também outras iniciativas, como a do deputado estadual Simão Pedro (PT-SP) que apresentou recentemente um Projeto de Lei para a proibição da publicidade das plataformas no estado.

## Infância e adolescência

“Tivemos êxito no controle ao tabagismo, com a regulação da propaganda”, lembra Chioro. Para ele, a proibição de acesso às bets por menores de idade é fundamental, além da necessidade de equilíbrio no tempo de tela desde a primeira infância.

Dados da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) mostram que em 2024, pela primeira vez, a situação do quadro de ansiedade está mais grave entre crianças e jovens do que em adultos, segundo uma análise feita pela Folha no período entre 2013 e 2023. Com um crescimento expressivo, a taxa de pacientes de 10 a 14 anos atendidos por transtorno de ansiedade é de 125,8 a cada 100 mil, e a de adolescentes, de 157 a cada 100 mil. Já entre pessoas com mais de 20 anos, a taxa é de 112,5 a cada 100 mil.

Com relação aos casos de suicídio nessa faixa etária, o quadro é mais grave entre as meninas. Houve uma evolução do problema entre meninas de dez a 14 anos, com alta de 221%, de 2000 a 2021, contra aumento de 170% dos meninos.



Marcelo Camargo/Agência Brasil

# MORAES IMPÕE MULTA DE R\$ 5 MILHÕES A MUSK E 'X' VOLTA A SER SUSPENSO

Multa em resposta à manobra de Musk para burlar legislação veio junto com ordem de Moraes para que a Polícia Federal monitore quem fizer “uso extremado” do X

Com Agência PT

**O** Brasil segue firme na garantia de sua soberania diante de mais uma tentativa de Elon Musk de burlar determinações do ministro do STF, Alexandre de Moraes, cujas ações ganharam importante apoio esta semana por meio de manifesto, assinado por mais de 50 acadêmicos e intelectuais de diversos países. Eles denunciaram a tirania de Musk e

defenderam a democracia.

Contrariando decisão de Moraes que determinou sua suspensão dia 30 de agosto, a rede X ficou disponível a usuários brasileiros nesta quarta-feira (18), o que fez o ministro tomar uma série de medidas nesta quinta-feira (19), entre elas multa diária de R\$ 5 milhões ao X e à Starlink, empresas do bilionário.

A multa, em resposta à manobra de Musk para burlar a suspensão do X, veio junto com ordem de Moraes para que a

Polícia Federal monitore quem fez “uso extremado” do X. Além disso, o ministro deu prazo de 24 horas para que a rede apresente provas da legalidade da nova representação no Brasil.

“Nesta quarta-feira (19), a X Brasil Internet Ltda apresentou uma petição informando que os advogados André Zonaro Giachetta e Sérgio Rosenthal seriam os novos representantes legais da empresa”, informou o jornal Correio Braziliense.

A decisão do empresário de



instituir representante no país se soma ao bloqueio de nove das 13 contas que o STF Moraes determinou que fossem suspensas no final de agosto. Uma delas pertencia ao senador Marcos do Val (Podemos-ES) que agora, se acessada em outros países, aparece a mensagem de “conta retida”.

A notícia do bloqueio das contas foi dada pela jornalista Mônica Bergamo, da Folha de S. Paulo, que postou na rede BlueSky.

“Atenção: X começa a cumprir ordens de Alexandre de Moraes! Iniciativa é vista com cautela do STF”, postou a colunista junto com matéria do jornal sobre o assunto.

## Musk recua e obedece Moraes

As ações mais recentes do bilionário – o bloqueio de perfis criminosos, o pagamento de multa de 18 milhões pela não suspensão das contas em agosto e a reativação do escritório no país – indicam que ele concordou em obedecer às decisões de Moraes e demonstram recuo em sua sanha contra a soberania brasileira, que inclui ataques à Constituição e ao ministro.

O senador Humberto Costa (PT-PE) deu seu recado a Elon Musk na rede BlueSky. “Já passou da hora de empresas estrangeiras entenderem que o Brasil não é terra ninguém. É um país com leis que precisam ser cumpridas por quem quiser que seja”.

Conforme a coluna de Roseann Kennedy do Estadão, as multas devidas pela empresa já foram pagas como um primeiro passo da normalização das atividades no país.

“Na semana passada, Moraes determinou a transferência direta de R\$ 18,3 milhões das contas do Starlink e do X para os cofres da União para cobrir as sanções”, informou a jornalista.



Reprodução X

## Desacato na surdina

Enquanto o aplicativo da rede X passava por atualização automática na madrugada de quarta-feira (18), Musk postou em sua conta no X: “A magia, quando é avançada o suficiente, é indistinguível da tecnologia”. A publicação foi interpretada como provocação pela mídia do Brasil, segundo a coluna de Roseann Kennedy, que informou que Moraes viu nas palavras de Musk uma prova de sua intencionalidade de burlar o bloqueio.

Moraes também apontou para a resistência “dolosa, ilícita e persistente recalcitrância da plataforma X no cumprimento de ordens judiciais”, escreveu a jornalista.

O ministro também alertou os 22 milhões de usuários do X no Brasil que será aplicada multa de R\$ 50 mil a quem acessar a plataforma por meio de “subterfúgios”, como redes privadas virtuais (VPN).

## Pressão global contra Musk

Intelectuais de mais de 50 países assinaram uma carta aberta se posicionando contra as pressões do bilionário Elon Musk e em defesa da democracia. Eles publicaram um manifesto declarando que o Brasil deve ser apoiado na busca de sua soberania digital por todos que defendem valores democráticos.

Da Redação

# DECRETO IMPÕE MULTAS MAIORES A PROVOCADORES DE INCÊNDIOS

Decreto publicado na sexta-feira (20) estabelece que o início de queimadas em florestas ou outras vegetações terá penalidade de R\$ 10 mil por hectare ou fração; já em florestas cultivadas, de R\$ 5 mil

**F**oi publicado em edição extra do Diário Oficial da União, nesta sexta-feira (20), o Decreto 12.189, assinado pelo presidente Lula, que institui maior rigor e endurece sanções a quem provocar incêndios ilegais. A nova norma estabelece multas maiores por infrações envolvendo queimadas.

Queimadas em florestas ou outras vegetações nativas agora estão sujeitas a penalidade de R\$ 10 mil por hectare ou fração; já em florestas cultivadas a multa será de R\$ 5 mil, em igual extensão. Em razão da grave situação de estiagem nesse momento, fica proibido todo e qualquer uso de fogo em território brasileiro. Os valores das multas foram sugeridos pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima e pelo Ibama.

Com as sanções estabelecidas, esta é mais uma medida do governo federal para desestimular e coibir queimadas criminosas. Em casos de incêndios florestais nas propriedades privadas, como prevê o Comitê Nacional de Manejo Integrado do Fogo e órgãos competentes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), caso não seja verificada a adoção de medidas de prevenção ou de combate, os responsáveis pelo imóvel podem sofrer multas que variam de R\$ 5 mil a R\$ 10 milhões.

Eventuais queimadas em áreas agropastoris, sem prévia autorização de órgão competente, também tiveram aumento no valor



Agência Brasil

da multa. A penalidade passou dos atuais R\$ 1 mil, para R\$ 3 mil. Caso os incêndios ocorram em terras indígenas, o valor da multa será dobrado. E vale o mesmo para sanções aplicadas a infrações ambientais mediante uso de fogo ou provocação de incêndio.

## Crime hediondo para incêndios florestais

Tramita no Senado um Projeto de Lei de autoria do senador Fabiano Contarato (PT-ES), que define como crime hediondo incêndios florestais provocados. A proposta endurece a punição, torna sem possibilidade de fiança ou anistia e estabelece maior tempo de pena para quem provocar queimadas intencionais.

Atualmente, a pena para quem provoca incêndio florestal é de dois a quatro anos de reclusão, além da multa. O Projeto do senador Contarato propõe que seja aumentado o tempo de prisão para até oito anos, em regime fechado.

## Medida provisória

Também na sexta-feira, o presidente assinou a Medida Provisória nº 1.259, que estabelece medidas excepcionais para a colaboração financeira reembolsável e não reembolsável à União, Estados e Distrito Federal, nas ações de prevenção e combate aos incêndios. De acordo com a MP, as unidades da Federação poderão receber recursos de empréstimos ou doações de agentes financeiros de crédito, mesmo estando em situações de irregularidade ou pendência fiscal, trabalhista e previdenciária.

Para que essa condição seja aplicada, é necessário que o estado de calamidade pública ou situação de emergência seja reconhecido pelo Poder Executivo federal. Além disso, essas medidas excepcionais ocorrerão enquanto estiver em vigor o estado de calamidade/situação de emergência.

Com informações do Planalto



# “A HISTÓRIA É FEITA POR GENTE, PESSOAS REAIS E TAMBÉM POR CONJUNTURAS”

Autor das trilogias mais badaladas sobre o passado brasileiro, o best-seller José Laurentino Gomes, após 15 anos e 7 livros vive em um momento de recolhimento dedicando-se a aprender italiano

Fernanda Otero e Alberto Cantalice

**P**aranaense de Maringá e sete vezes ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura, o jornalista e escritor Laurentino Gomes deixou a vida de executivo de empresas de comunicação para dedicar-se ao estudo da história do Brasil quando sentiu a necessidade de jogar luz aos personagens reais do passado brasileiro.

Gomes transformou-se em escritor best-seller com os livros "1808", sobre a fuga da família

real portuguesa para o Rio de Janeiro; "1822", sobre a Independência do Brasil; e "1889", sobre a Proclamação da República. A trilogia sobre o período colonial e a monarquia incomodou muitos historiadores e acadêmicos tradicionais, mas ganhou o respeito do povo brasileiro, os verdadeiros personagens da história. Lançada pela editora Planeta, hoje a trilogia está na Editora Globo.

Em entrevista à revista Focus desta semana, o autor defende

a "conveniência" da história do Brasil contada até recentemente. "Existe uma narrativa e uma interpretação da história do Brasil que é conveniente a quem contou, a quem fez os livros de história", pontuou. "Existe uma construção sobre fatos e personagens reais, existe uma construção mitológica, imaginária, de um Brasil que às vezes não é real".

O mais recente sucesso é a publicação dos três volumes de Escravidão, pela mesma editora. Convencido de que o Brasil não



conhecia as crueldades e injustiças do período, Laurentino realizou dezenas de viagens a lugares emblemáticos no Brasil e ao continente africano em busca de vestígios do passado.

O resultado desta extensa garimpagem está compilado nas mais de 1500 páginas dos três volumes. Embora afirme que a escravidão é o assunto mais importante da história do Brasil, ele não pretende que sua trilogia seja a narrativa definitiva sobre o tema.

O escritor explica que “estudamos o passado para entender o presente, mas também para sinalizar a construção do futuro, por isso que eu acho que quando a gente fala de entendimento do Brasil, não é só o que aconteceu até agora, é o que vem pela frente, o que falta fazer, como fazer”.

Estima-se que suas obras já venderam mais de 2,5 milhões de exemplares no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos. Formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Para-

ná, tem pós-graduação em Administração na Universidade de São Paulo. É membro titular da Academia Paranaense de Letras. Além das duas trilogias sobre a história do Brasil, escreveu “O caminho do peregrino” em coautoria com Osmar Ludovico.

**- O que mudou na sua cabeça e no seu pensamento sobre a história brasileira depois desses anos de estudo sobre a criação do Brasil?**

- Depois de fazer esse sobrevoo sobre a história do Brasil, mudou tudo. Eu diria assim que existe uma curva de aprendizado a respeito do Brasil... Eu sou um jornalista, tenho mais de 40 anos de profissão. Fui repórter, fui editor, morei em todas as regiões do Brasil. Eu conheço bem a realidade brasileira atual e também o que aconteceu no Brasil desde o fim da ditadura até agora, que foi quando eu me formei, em 1976. Então acompanhei tudo de perto, mas eu sempre tive um interesse paralelo, que era estudar a história do Brasil, tentando

entender as raízes mais profundas. Antes de chegar à trilogia “Escravidão”, eu diria que eu estava muito contaminado pela ideia que foi transmitida pela, digamos, elite dirigente brasileira, de que a história do Brasil poderia ser contada pelas suas instituições, leis, lideranças, e pelos seus fenômenos e personagens históricos. E aí é que entram as figuras de Cabral, Tiradentes, Dom Pedro, Dom João, Getúlio Vargas e assim por diante. Quando eu mergulhei na pesquisa, eu percebi, sim, que a história é feita por gente, pessoas reais e também por fenômenos, por conjunturas. Existem pessoas que agem sobre a história e tem a capacidade de mudar os rumos da história. As decisões pessoais tomadas pelas pessoas que viveram em determinados períodos da história, sejam importantes ou não, influenciam nos rumos da história, assim como as circunstâncias. Existem também os heróis anônimos da história do Brasil. Quer dizer, não dá para entender a história do Brasil sem observar a



Revolução Francesa, a independência dos Estados Unidos em 1776, todas as transformações na filosofia, na economia, na política ao longo do século XVIII e começo do século XIX. Essas são as circunstâncias que agem sobre as pessoas e fazem com que a história, de certa forma, vá se encaminhando para determinados rumos pela ação das pessoas individualmente, mas também pelas circunstâncias do momento em que elas vivem. Tudo isso é uma coisa muito complexa, mas eu diria que existe uma narrativa na história do Brasil que joga a luz sobre determinados protagonistas e circunstâncias. Isso é fascinante, porque a história é composta por coisas que realmente aconteceram no passado, personagens, acontecimentos, e que não mudam mais. Mas a maneira como nós olhamos para o passado muda a realidade do passado. Esse é um fenômeno muito interessante que precisa ser levado em conta ao estudar a história do Brasil. Ou seja, existe uma narrativa e uma interpretação da história do Brasil que é conveniente a quem contou, a quem fez os livros de história, a quem criou os currículos escolares. E quando você percebe isso, muda totalmente a sua compreensão a respeito da história do Brasil. Ou seja, existe uma construção sobre fatos e personagens reais, existe uma construção mitológica, imaginária, de um Brasil que às vezes não é real. Quando eu me dei conta disso, percebi que primeiro era preciso explicar que existe uma história não contada da história do Brasil. Um Brasil não contado nos livros didáticos e nos livros da história, digamos assim, na história oficial do Brasil.

- Teve um evento específico que te despertou isso ou foi uma curiosidade jornalística?

- Não, acho que foi um aprendi-

dizado ao tentar entender exatamente essa história que foi sonogada ao longo de muitos anos. Sempre tem um componente, digamos assim, heróico na história do Brasil. O Dom João que embarca 15 mil pessoas em 58 navios, atravessa o Oceano Atlântico e muda o Brasil, um grande protagonista do processo da independência. O herói das margens do Ipiranga, que saca a espada e diz "independência ou morte!" e daí estão

## A MANEIRA COMO NÓS OLHAMOS PARA O PASSADO MUDA A REALIDADE DO PASSADO. ESSE É UM FENÔMENO MUITO INTERESSANTE

rompidos todos os nossos laços com a história de Portugal. Mas existe uma história que está nas nossas sombras, que são os verdadeiros construtores da história do Brasil, e aí começa a aparecer, primeiro, os perdedores, aqueles que não entram como protagonistas da história porque perderam. Por exemplo, o Frei Caneca. O Frei Caneca tinha um projeto de Brasil muito interessante em 1820, 1821, que era um Brasil republicano, federalista, com edu-

cação, incentivo à indústria e ao comércio. É muito interessante o projeto do Frei Caneca, mas ele perdeu, ele foi fuzilado, foi arcabuzado lá no Forte das Cinco Pontas, em Pernambuco. Então, essa visão do Frei Caneca meio que desaparece. E tem, principalmente, a história da escravidão. Acredito que a história da escravidão é realmente uma coisa que foi crescendo na minha percepção do Brasil e resultou nessa última trilogia. Eu diria que na primeira trilogia, 1808, 1822 e 1889, procurei tentar explicar o Brasil do ponto de vista das instituições, das leis, dos acontecimentos e dos personagens. Embora tenha, sim, capítulos sobre o Frei Caneca, a maçonaria e as insurreições do período da regência, ao concluir a primeira trilogia, é como se eu tivesse observado, digamos assim, apenas a arquitetura do Brasil: um edifício com as suas paredes, os seus alicerces, o telhado. Mas faltava mostrar aos moradores o que tinha dentro desse edifício, e aí aparece a escravidão. A escravidão é o fio condutor de toda a história brasileira. Você não consegue entender a história do Brasil desde o seu mais remoto princípio, com a chegada dos portugueses na Bahia, em 1500, sem considerar a escravidão. E se a gente pensar em legado da escravidão, já me adiantando um pouquinho, até hoje o legado da escravidão é que quem realmente trabalha no Brasil, é muito em função dos herdeiros da escravidão. As relações escravistas que persistem no Brasil de hoje ainda têm a ver com o alicerce da construção da sociedade brasileira.

- O senhor não acha que essa influência, essa presença deletéria das forças armadas brasileiras não dificulta a construção de um verdadeiro Estado democrático de direito no nosso país?

- Sim, sem dúvida. Mas assim, tem razões históricas para isso. É preciso sempre lembrar que ao contrário dos Estados Unidos, que foram um território escravista, sem dúvida alguma, o Brasil foi mais. O Brasil recebeu 40% de todos os africanos escravizados, transportados para as Américas. Além disso, houve um processo deliberado de manter a maioria da população sob controle, sem dar prioridade à educação, ou seja, sem oferecer escolas ou meios adequados de comunicação. A imprensa só surgiu no Brasil em 1808, enquanto grandes jornais ingleses e americanos já existiam há bastante tempo. Na época da independência do Brasil, a América Espanhola já contava com 22 universidades, enquanto nossa primeira universidade foi fundada apenas em 1912. Aliás, foram três: a Universidade do Amazonas, a Universidade do Brasil (atualmente UFRJ) e a Universidade Federal do Paraná. Ou seja, quase 100 anos após a independência, o Brasil teve suas primeiras universidades.

Quando a corte chegou, 99% da população era de analfabetos. Na primeira República, eram 90% de analfabetos. Quando nasci, em 1956, era de 50%. Isso coloca um desafio que, na verdade, é mais do que um desafio, é um projeto nacional: a construção do Brasil de cima para baixo. Há um historiador da independência que disse que no Brasil "não tem povo". Claro, temos povo em termos de população, mas não como agente político, capaz de participar ativamente do processo político. O que temos, em vez disso, é uma massa enorme de analfabetos, pobres, escravizados e excluídos, incapazes e não autorizados a participar do processo político. Então, se você observar do ponto de vista de longo prazo, temos a coroa portuguesa, centralizada, orga-

nizando a ocupação do território, as atividades econômicas, a escravidão, os grandes ciclos de exploração de riquezas. Depois, nós temos uma corte que atravessa o Oceano Atlântico e começa a organizar o Estado brasileiro durante os breves 13 anos em que esteve no Rio de Janeiro. Depois, nós temos o herdeiro da coroa portuguesa, que faz o grito de Ipiranga e tem o breve tumultuado primeiro reinado até 1831 e depois nós temos o

## EXISTE UMA CONSTRUÇÃO SOBRE FATOS E PERSONAGENS REAIS, EXISTE UMA CONSTRUÇÃO MITOLÓGICA

segundo império, até 1889. O interessante é que a Constituição de 1824 criou o chamado poder moderador, segundo o qual o imperador estava acima de todos os demais poderes, ele podia intervir na justiça, no parlamento, no executivo, era o garantidor, digamos assim, dessa construção nacional. Embaixo, repito, tem um mar de excluídos, um mar de analfabetos, um mar de escravos e pobres, num Brasil muito isolado, um Brasil

rural. Aí tem uma pequena elite imperial que se encarrega dessa construção nacional em proveito próprio, evidentemente. O interessante é que na República, as Forças Armadas herdaram esse papel moderador. E não é à toa que durante as tentativas de golpe do Bolsonaro, se invocou muito o tal do poder moderador das Forças Armadas. É uma, digamos assim, distorção da interpretação das leis e da tradição, como se as Forças Armadas tivessem o poder moderador do imperador Pedro I e do Pedro II. É só um argumento golpista, não tem poder moderador algum nas Forças Armadas. Mas esse poder foi explicitamente invocado no fundo para dizer o seguinte: "olha, o Brasil não consegue construir-se a si próprio como um país viável, livre e orgânico com essa massa de analfabetos funcionais que nós temos, com esse monte de gente pobre, de gente excluída, que não sabe votar". No fundo, é isso que está sendo dito, quando se invoca o papel moderador ou o papel de garantidor das instituições das Forças Armadas. E o interessante é que as Forças Armadas brasileiras, herdeiras do positivismo de Comte, no final do século XIX, Augusto Comte, que, aliás, defendia exatamente isso, a ideia de que precisava ter um poder superior aos demais que impedisse o caos no regime republicano. Uma parte das Forças Armadas de Benjamin Constant, Lauro Sodré, Euclides da Cunha, muito, muito influenciadas pelas ideias do positivismo de Comte, arrogam esse papel de continuar o poder moderador da monarquia. E até hoje isso acontece. O problema é que essas Forças Armadas têm hoje um viés muito de direita. Ao contrário das Forças Armadas, na época da República, em 1889, que tinha lideranças genuinamente reformistas, ou de 1930, com a Revo-



lução de 1930 de Getúlio Vargas, em 1964. Hoje, as Forças Armadas são basicamente um garantidor do status quo. E é por isso que se invoca muito contra o comunismo, contra o socialismo, o “perigo vermelho” no Brasil e tal, ou seja, se tornar um poder moderador absolutamente conservador. Como o Brasil precisa de mudanças, é um país que precisa de mudanças urgentemente, isso se torna uma trava para a democracia. Porque, toda vez que se tenta uma mudança real no Brasil, as Forças Armadas intervêm para manter o status quo, que foi o que aconteceu em 1964.

**- No seu terceiro livro, da série Escravidão, você abre com uma citação sobre a Revolução. O Brasil precisa de uma revolução, como ela seria?**

- Eu diria que não é por falta de projetos revolucionários que o Brasil não aconteceu, como nós gostaríamos, vamos dizer assim. O tempo todo houve projeto de transformação no Brasil, começando pela Inconfidência Mineira, pela Revolta de Búzios, também conhecida como Revolta dos Alfaiates, na Bahia, no final do século XVIII, a Confederação do Equador, a Revolução Republicana em Pernambuco, em 1817, depois uma série de revoltas no período da Regência, como a Cabanagem, a Balaiada e assim por diante. Depois também no período republicano, muitas tentativas de ruptura. Aliás, logo depois da proclamação da República, havia um grupo bastante revolucionário nas Forças Armadas, conhecido como Jacobinos, que queria uma transformação mais profunda. O que prevalece toda vez que um projeto revolucionário de ruptura aparece na história do Brasil, é uma grande capacidade da elite dirigente de se adaptar, de se transformar e assimilar esses

projetos em proveito próprio. Poderíamos chamar isso de uma “bolha assassina”. Toda vez que houve um projeto de transformação de ruptura mais profunda, a elite brasileira consegue se adaptar em proveito próprio. Isso acontece na Independência, na Regência, na República, no período republicano, que tinha dois grandes projetos republicanos. Um era positivista e militar, de Benjamin Constant, e os seus

## O TEMPO TODO HOUE PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO NO BRASIL, COMEÇANDO PELA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

estudantes da Escola da Praia Vermelha, que queriam uma mudança mais profunda no Brasil. Mas tinha um outro projeto republicano, que é o do Partido Republicano Paulista, que era dos cafeicultores, dos fazendeiros, e que queriam, no fundo, manter o status quo, queriam uma república liberal inspirada nos Estados Unidos. E é esse o projeto que prevalece depois do tumultuado governo Floriano Peixoto e da Guerra Federalista, com Pruden-

te de Moraes e depois Campos Salles. Ou seja, inteligentes, ex-escravistas, que mandavam no Império, passaram a mandar na República, pelo menos até 1930. E se você observar a pressão que as elites, as oligarquias regionais, fazem no Congresso hoje, para inviabilizar mudanças, continua mandando até hoje. Ela se adapta a tudo: à Revolução de 1930, ao movimento de 1964, instrumentalizando as Forças Armadas para isso; também se ajusta à redemocratização e assim por diante. Ela se adapta ao governo Fernando Henrique, ao governo Lula, ao governo Dilma, e ao governo Bolsonaro, e assim por diante. Então, esse é um fenômeno muito curioso: essa elite dirigente brasileira, que é muito bem-sucedida em neutralizar projetos e processos revolucionários ou de ruptura.

**-Você acredita que o Brasil precisa de uma nova abolição, que aquela abolição foi incompleta?**

- Acho que esse é o coração do terceiro volume da minha trilogia sobre a escravidão. A principal conclusão é essa: o Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por mais de 350 anos. Foi o último país a abolir o tráfico negreiro, com a Lei Eusébio de Queiroz em 1850, e o último a acabar com a própria escravidão em 13 de maio de 1888. No entanto, nossos grandes abolicionistas – podemos citar quatro: um branco, Joaquim Nabuco, e três negros, André Rebouças, José do Patrocínio e Luiz Gama – defendiam uma “segunda abolição”. Esse conceito estava muito claro na mente dos abolicionistas do século XIX. Para eles, não bastava simplesmente parar de comprar e vender pessoas como mercadorias. Era fundamental incorporar essa enorme massa da po-

pulação à condição de cidadãos com plenos direitos e deveres, proporcionando terra, trabalho, educação e oportunidades de participação no processo político. Infelizmente, isso o Brasil jamais concretizou. E, após ter estudado a escravidão e elaborado três volumes com quase 1.500 páginas, posso afirmar que essa falta de ação é a razão dos problemas que enfrentamos hoje. O Elio Gaspari, quando eu terminei o terceiro volume, escreveu uma coluna de resenha do meu livro e falou onde foi que o Brasil deu errado. Eu gostei dessa ideia. Claro que você pode identificar vários momentos em que o Brasil perdeu oportunidades, mas é na abolição, no momento em que o Brasil perde a oportunidade de realmente se tornar uma sociedade mais justa, mais inclusiva, uma sociedade incorporando a sua imensa maioria da população dentro do processo de construção nacional. É uma oportunidade que o Brasil perdeu. E, quando nós falamos hoje de desigualdade social, esse é o nosso principal problema estratégico no início do século XXI, pois esse é um dos países mais desiguais do mundo, não há outro problema brasileiro mais sério do que esse, o que inclui o racismo. Porque é só o racismo que explica a desigualdade, só a desigualdade explica o racismo. Quando nós falamos de desigualdade no Brasil, é a herança da escravidão. Sem dúvida, existem pobres brancos no Brasil, existem sertanejos, ribeirinhos, camponeses, uma massa de mão de obra barata na periferia das grandes metrópoles brasileiras. Mas, estatisticamente, a pobreza no Brasil é sinônimo de negritude. Quanto mais pobre é uma pessoa, provavelmente mais negra ela é, e vice-versa. Ou seja, existe uma correlação direta entre a herança da escravidão e po-

breza e desigualdade no Brasil. E é essa segunda abolição que nunca aconteceu. E aí eu tenho insistido nas minhas entrevistas e palestras num ponto que é o seguinte: a segunda abolição é um projeto nacional que está à nossa espera. Quando eu vejo as pessoas, às vezes, muito desanimadas com o Brasil, que o Brasil não dá certo, nada funciona, se tem um projeto nacional que deveria mobilizar a todos nós, é

## O PERIGO ESTÁ EM ACHAR QUE APENAS A DEMOCRACIA VAI RESOLVER TODOS OS NOSSOS PROBLEMAS MUITO RAPIDAMENTE

a segunda abolição. Porque ela não interessa apenas aos negros e mestiços, ela interessa também aos brancos. Porque o ponto é o seguinte: nesse início do século XXI, a riqueza das nações não está mais na terra, no subsolo, nos recursos naturais, como estive no passado. Claro que o pré-sal é importante, o petróleo é importante, o agronegócio é importante, as riquezas naturais são importantes, mas a principal fonte de riqueza das nações hoje é

o conhecimento humano. É isso que está transformando o planeta, é isso que está transformando a economia, sociedades, é isso que está gerando soluções tecnológicas absolutamente inovadoras, como os smartphones, as redes sociais, os canais de streaming para distribuir conteúdo, ou seja, uma mudança que tem a ver com a capacidade criativa das pessoas. Quando o Brasil deixa à margem, em função da segunda abolição, que nunca aconteceu, a grande maioria da sua população, o Brasil está desperdiçando gente, está desperdiçando capital humano. Um país que desperdiça gente num momento em que a riqueza das nações vem do capital humano, é um país sem futuro, é um país que vai continuar pobre e dependente de soluções que chegam de fora. Quando chega uma epidemia de Covid, a gente não sabe fazer o insumo básico, tem que sair correndo de pires na mão, pedindo ajuda para quem sabe. A gente não sabe fazer as coisas, o Brasil está atrasado na indústria do carro elétrico, na indústria de digitalização, o Brasil está atrasado em tudo, nós ficamos dependentes de soluções que chegam de fora, como nós sempre estivemos. Por isso que eu insisto que a segunda abolição é do interesse também dos brancos, porque se nós não fizermos a segunda abolição, nós vamos continuar um país pobre e atrasado. Aí a pergunta óbvia é a seguinte: como é que se faz a segunda abolição? A primeira foi relativamente simples, assinou a Lei Áurea, está proibido comprar e vender gente. Pronto, resolveu, não tem mais ninguém cativo no Brasil, em regime de cativo. Como é que se faz a segunda abolição? Como pobreza no Brasil é sinônimo de herança da escravidão, a segunda abolição é o combate à pobreza. Simples assim, é uma equação lógica



para mim: combater a pobreza no Brasil, distribuir renda, distribuir oportunidades, promover essa imensa maioria da população, que está abaixo da linha da miséria e não tem condição de promover a si própria, tudo isso convida a políticas públicas que levam à segunda abolição. Então, quando falamos em renda mínima, por exemplo, no Brasil, nós estamos falando em segunda abolição. Quando falamos em leis de cotas preferenciais para pessoas afrodescendentes, nós estamos falando de segunda abolição, porque tudo isso visa a promoção do capital humano. Então, observe que a segunda abolição não é apenas corrigir uma dívida do passado, ela é um investimento estratégico no futuro do Brasil.

**- Em 2011, você disse que o ex-presidente Fernando Henrique e o presidente Lula tinham mais semelhanças que o evidente. Os progressistas precisaram se unir para combater o que estava acontecendo no Brasil, e a gente jamais esperava que tivesse um Bolsonaro no meio do caminho. O que é que você vislumbra para os próximos 10 anos no país?**

- Você fez a leitura correta. Em 2011, fazer essa afirmação podia ser um pouco temerária, mas o Bolsonaro é a prova dos nove, de que o Lula e o Fernando Henrique são mais parecidos do que a gente imagina, porque o perigo é muito maior do que esses dois personagens e as suas diferenças, que eu considero grandes, mas não são tão expressivas quanto se imaginava na época, quando eles eram os antagonistas principais do processo político. Eu sou otimista, mas é um otimismo, digamos assim, calibrado com a realidade brasileira. O perigo está em achar que apenas a democracia vai resolver todos

os nossos problemas muito rapidamente, e eu acho que essa é uma frustração que está no ar. Eu tenho observado muitos colegas meus – eu tenho 68 anos, portanto, sou da geração que viu as campanhas das diretas, a redemocratização – jornalistas, que dizem que não era esse o Brasil que eles queriam. Olha, na hora que você vê um sujeito quebrando uma cadeira nas costas do outro, num debate, para a campanha eleitoral da maior cidade brasileira, você fala: mas é essa a democracia que a gente sonhou, que a gente lutou para que ela acontecesse? É frustrante, mas quando você observa o Brasil com um distanciamento maior e entende o tamanho dos passivos que nós acumulamos ao longo de 400, 500 anos, é preciso calibrar as expectativas e não perder as esperanças e persistir no caminho que nós escolhemos com a campanha das diretas, em 1984. O Brasil vai mudar e o Brasil está mudando, isso é indiscutível, o Brasil está mudando e está mudando para melhor. É só observar. E, olha, não é mérito, insisto, não é mérito de nenhum governo em particular, é mérito de 40 anos da democracia, o Brasil vem mudando. E eu diria que é uma mudança bastante rápida, agora vai demorar muito mais do que nós gostaríamos. Vai ter frustrações, vai ter... teve um governo Bolsonaro que é um susto. Pode acontecer de novo? Pode. Por que não? Pode acontecer, sim. Há frustrações no horizonte, mas não existe maneira de construir um Brasil organizado com a participação de todos os brasileiros, de maneira que as pessoas aceitem o resultado no longo prazo, estejam de acordo, se não pela democracia. Então, o Brasil vai melhorar, o Brasil vem melhorando, mas vai demorar um pouco mais do que nós gostaríamos, é isso que é importante levar em

conta. Porque tem mudanças de natureza cultural que precisam ser feitas.

**- Qual livro você está lendo no momento?**

- Eu gosto muito de estudar e estudo o tempo todo. Agora, estou estudando italiano, estou lendo um livro em italiano, um livro curioso sobre experiências de quase morte, sobre o estado de consciência no limite, depoimentos de pessoas que têm parada cardíaca, milhares de depoimentos que mostram que apesar do cérebro ter cessado aparentemente a sua atividade biológica clínica, existe uma consciência. Os depoimentos são muito parecidos. Então, estou lendo esse livro italiano, que não tem no Brasil ainda, mas que mostra também que eu tenho uma curiosidade muito grande em relação ao mundo que me rodeia. Não é só história, não é só política, não é só economia. Eu gosto de estudar também, às vezes, ciência e comportamento e coisas assim.

**- E uma pergunta inevitável: está em pesquisa para um novo trabalho?**

- Não, as pessoas me perguntam isso com frequência, eu estou sob pressão, né? Nos últimos 15 anos, eu publiquei sete livros. E são temas importantes: e vinda da corte, a Independência, a República, a Escravidão, eu acho muito, em 15 anos, você escreveu sete livros. A gente precisa ter tempo para pensar, para estudar, para refletir e tomar novas decisões. Então, eu estou estudando, estou aprendendo muito, mas eu estou num período de silêncio, de reflexão. Se daqui vai sair algum livro, eu ainda confesso que não sei. Mas é um momento de estudo, um momento de recolhimento, e não de ensinar o que eu estou aprendendo.

# GOVERNO LULA REFORÇA O BRASIL MAIS PRODUTIVO COM APOIO À DIGITALIZAÇÃO DE EMPRESAS

Lançada na segunda-feira (23), nova etapa vai beneficiar micro, pequenas e médias empresas: “Nós temos que ter uma indústria mais inovadora”, explicou o presidente em exercício, Geraldo Alckmin

A terceira etapa do Brasil Mais Produtivo foi inaugurada, nesta segunda-feira (23), em evento organizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na capital paulista. O programa do governo federal tem por objetivo alavancar a competitividade das micro, pequenas e médias empresas do país. A partir de agora, as companhias participantes terão o apoio do Estado para promover a digitalização de suas atividades.

Presente à cerimônia da Fiesp, o presidente em exercício, Geraldo Alckmin, falou a empresários e industriais. Ele exaltou o comprometimento da administração Lula com as contas públicas ao mencionar o “arcabouço fiscal”. Sobre a indústria nacional, Alckmin defendeu que ela seja exportadora, tecnológica, sustentável e competitiva.

“Nós temos que ter uma indústria mais inovadora, mais competitiva, mais exportadora [...] Você tem empresas que não

sobrevivem se não exportar. O mercado interno é insuficiente para determinado tipo de atividade industrial. Não sobrevive, não tem escala. É preciso ter uma cultura exportadora”, pontuou Alckmin, antes de elogiar a reforma tributária elaborada pelo governo e aprovada pelo Congresso.

## Fábricas inteligentes

Novos editais foram lançados, nesta segunda, para financiar projetos de transformação digital e de modernização da indústria, aos moldes das chamadas “fábricas inteligentes”. Cerca de 8,4 mil companhias serão beneficiadas pela terceira etapa do Brasil Mais Produtivo. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) liberaram linhas de crédito destinadas a 1,2 mil médias empresas.

O Brasil Mais Produtivo é fruto de parceria entre BNDES, Finep, Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii),

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

O programa integra o plano Nova Indústria Brasil (NIB), que vai digitalizar 200 mil empresas até 2027, por meio de investimentos na ordem de R\$ 2 bilhões. No Instagram, o presidente da ABDI, Ricardo Cappelli (PSB-RJ), enalteceu as políticas do governo Lula em prol da indústria nacional. “O programa já atendeu mais de 30 mil empresas no Brasil”, contabilizou.

“Nesse evento, a ABDI [...] assina também com o Sebrae um acordo para atender mais 500 empresas, auxiliando-as na questão do comércio eletrônico: colocar seus produtos em plataformas digitais para vender mais, desenvolver mais e gerar mais empregos”, comemorou Cappelli.

Com informações do Planalto



Fernando Frazão/Agência Brasil

# MPT JÁ REGISTRA MAIS DE 300 DENÚNCIAS DE ASSÉDIO ELEITORAL

Número é quatro vezes superior ao do primeiro turno de 2022

**Gilberto Costa, da Agência Brasil**

**A** campanha eleitoral para prefeitos e vereadores registra até esta quinta-feira (19) 319 denúncias de assédio eleitoral. O número supera em mais de quatro vezes o total de 2022, quando 68 acusações foram registradas no primeiro turno das eleições.

Os dados são do Ministério Público do Trabalho (MPT). Das mais de 300 denúncias, 265 são

individuais, isto é, não houve repetição da queixa.

Apesar do número de casos superior no primeiro turno, o procurador-geral do Trabalho, José de Lima Ramos Pereira, não acredita que as atuais eleições municipais venham superar o total das eleições gerais de 2022, que após o segundo turno totalizou 3.606 denúncias.

“Temos o primeiro turno com mais denúncias, mas não acredito que o segundo turno terá a mesma velocidade que teve no

segundo turno da eleição anterior. Não há o ambiente daquele momento, a polarização não vai aumentar”, avalia o procurador.

Para ele, o que chamava atenção nas eleições de 2022 era o volume de casos e a forma explícita e documentada de assédios. “Tinha vídeos que eu assistia e dizia ‘não acredito que uma pessoa fez isso’. É caso de estudo”, opina Ramos Pereira.

O assédio eleitoral se caracteriza como a prática de coação, intimidação, ameaça, humilha-



ção ou constrangimento associados a um pleito eleitoral, com o objetivo de influenciar ou manipular o voto, apoio, orientação ou manifestação política de trabalhadores no local de trabalho ou em situações relacionadas ao trabalho.

## Ocorrências

Diferentes tipos de assédio foram listados pelo MPT. Há ocorrências em todos os estados, com exceção do Amapá. Os estados da Bahia, São Paulo, Paraíba, Goiás e Minas Gerais lideram a lista de denúncias de assédio, com respectivamente 45, 40, 22, 20 e 19 casos.

Para o procurador, os números demonstram que nessas regiões as paixões políticas são mais fortes e as disputas podem estar mais apertadas. “O assédio acontece muito em razão da vulnerabilidade social”, acrescenta.

O MPT repassou à Agência Brasil a descrição de alguns episódios de assédio eleitoral. Por exemplo, há o caso do dono de uma fábrica de vestimenta masculina no município de Jardim de Piranhas, no interior do Rio Grande do Norte, que pediu aos empregados para gravarem vídeo afirmando que iriam votar em determinados candidatos a prefeito e a vereador.

A mais de três mil quilômetros do Rio Grande do Norte, em Indianópolis, no noroeste paranaense, o assédio partiu do próprio prefeito, que ameaçou encerrar contratos de funcionários e de empresários fornecedores do município que não colocassem em seus carros adesivos de sua candidatura.

Em Pedro Leopoldo, a 40 quilômetros de Belo Horizonte (MG), o MPT constatou outro tipo de assédio: um dos sócios de uma empresa que oferece serviços de purificação e regeneração



Reprodução

de óleos lubrificantes levou ao ambiente de trabalho, no horário do expediente, um candidato a prefeito para apresentar suas propostas e gravar peça de campanha eleitoral.

Apesar do crime eleitoral estar documentado, a empresa se negou a assinar o termo de ajustamento de conduta (TAC) com o Ministério Público. Em razão disso, o MPT ajuizou a denúncia na Justiça do Trabalho, que determinou que a empresa cumprisse as obrigações de “abster-se de promover, nas dependências da empresa e no horário de expediente, qualquer evento político-partidário e eleitoral, sob pena de multa de R\$ 20 mil por evento ou violação, acrescidos de R\$ 1 mil para cada trabalhador que participar”, descreve nota do MPT.

## Legislação

Conforme a lei, qualquer pes-

soa acusada de assédio eleitoral no ambiente de trabalho pode ser convocada pelo MPT para apresentar explicações e, havendo procedência, assinar um TAC. Esse termo vai prever um dano social coletivo para ser pago à sociedade, além dos danos morais individuais a serem pagos para os trabalhadores assediados.

O assediador também deverá fazer retratação pelo mesmo meio que assediou empregados, funcionários ou prestadores de serviço. Se a empresa receber algum financiamento público, poderá ter o crédito cancelado.

Além do MPT, o Ministério Público Eleitoral faz a apuração criminal. Nesses casos, a prisão costuma ocorrer quando o acusado descumprir liminar ou sentença judicial.

As denúncias podem ser feitas pelo site do Ministério Público do Trabalho.

Gilberto Costa é repórter da Agência Brasil

# MST BUSCA FORTALECER REPRESENTAÇÃO E DEBATER POLÍTICAS PÚBLICAS



Em entrevista, João Paulo Rodrigues, da direção nacional do MST, fala sobre desafios e perspectivas para as eleições 2024

Por **Fernanda Alcântara**  
Da Página do MST

**A**s eleições municipais deste ano se apresentam como uma pauta importante para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que em 2024 quer garantir representação política para suas lutas. Atualmente, o Movimento está presente em mais de 1.200 municípios e já está em campanha voltada para a Reforma Agrária Popular e a promoção de políticas públicas, que atendam às necessidades da população do campo e da cidade.

Em entrevista para a página do MST, João Paulo Rodrigues, da direção nacional do Movimento, destaca a importância de discutir temas como um Brasil sem fome, plantio de árvores e lutas populares. "Nesta eleição, o MST está levando o debate sobre alimentos saudáveis, em especial para a

merenda escolar, como uma das pautas fundamentais para o nosso território", afirma. Além disso, a organização propõe plantar mais de 100 milhões de árvores no Plano Nacional "Plantar Árvores, Produzir Alimento Saudável", visando a recuperação ambiental e a promoção de práticas sustentáveis.

A participação do MST nas eleições municipais também busca fortalecer a representação dos trabalhadores/as rurais nas câmaras municipais. "Estamos convencidos de que é necessário ter uma direção política organizada, com força nos assentamentos, e representantes que cuidem e nos representem nesses espaços de poder", ressalta Rodrigues. A presença de candidatos do MST é vista como uma forma de garantir que as demandas das comunidades rurais sejam consideradas nas políticas públicas.

Confira abaixo principais trechos da entrevista concedida ao MST:

"O MST está presente em mais de 1.200 municípios. Esta eleição tem um componente muito diferente: estamos ocupando espaço em uma disputa acirrada contra ideias conservadoras e fascistas. O Movimento tirou como definição política que é importante fazer uma grande campanha para disputar ideias, especialmente em relação à Reforma Agrária."

"O MST está levando o debate sobre alimentos saudáveis, em especial para a merenda escolar, como uma das pautas importantes. Também estamos abordando o plantio de árvores como política pública, com a meta de plantar mais de 100 milhões de árvores."

"Na saúde, todo o sistema do SUS é municipalizado. Embora os recursos venham do governo federal, a execução é responsabilidade das prefeituras. Ter um representante na prefeitura ou na Câmara Municipal ajuda a melhorar a qualidade do sistema de saúde e garantir participação democrática nas decisões."

"Nas capitais, estamos priorizando a agenda ambiental com a produção de alimentos. Queremos discutir um projeto de hortas urbanas, especialmente nas escolas. A cidade de São Paulo, por exemplo, poderia comprar alimentos produzidos no campo para a merenda escolar."

"O MST deve caminhar por três trilhas: a luta pela terra, a agenda de desenvolvimento para melhorar as condições de vida no assentamento e a disputa pela institucionalidade, com representação política para avançar na Reforma Agrária Popular."

# ATÉ QUANDO MULHERES SERÃO CULPABILIZADAS PELAS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS?

Denúncias no governo expuseram desafios do enfrentamento; urge mudança cultural para que os homens parem de normalizar condutas inadmissíveis

Cida Gonçalves

**A**s recentes denúncias de assédio sexual e moral no âmbito do governo federal trouxeram à tona os desafios do enfrentamento à violência contra a mulher em uma sociedade ainda marcada pela misoginia e pelo racismo.

A naturalização e a banalização da violência de gênero fazem com que muitas mulheres tenham dificuldade em identificar e nomear situações de abuso. Outro desafio é a própria quebra do silêncio. Seja por medo, insegurança ou receio de exposição, muitas mulheres deixam de reportar uma situação de assédio perante uma sociedade que ainda as culpabiliza pelas violências sofridas.

Não faltam exemplos para mostrar que o julgamento das mulheres é dado como certo: pela demora em denunciar, pelo canal utilizado, pelo comporta-

mento adotado. O problema é ainda mais desafiador quando falamos de mulheres que ocupam posições públicas e de liderança.

Há também o receio de ter que repetir inúmeras vezes o relato da violência, revivendo uma situação traumática. Não raro, a vítima é quem acaba sendo interrogada, tendo seu relato minimizado, sua conduta questionada ou sua palavra desacreditada. E, ainda, há o medo de sofrer retaliações.

É preciso uma mudança cultural para que os homens parem de normalizar condutas inadmissíveis e, principalmente, para que cada vez mais mulheres se sintam amparadas para falar e denunciar. Para isso, é fundamental que todas tenham sua palavra acreditada tanto pelas instituições quanto pela sociedade, e suas denúncias apuradas com rigor e perspectiva de gênero.

No governo federal, o presidente Lula já afirmou que a tolerância é zero para quem pratica assédio. Em julho deste ano, foi

lançado o Programa de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e da Discriminação no âmbito da administração pública federal, com a finalidade de enfrentar toda as formas de violências decorrentes das relações de trabalho –em especial o assédio moral, o assédio sexual e a discriminação.

O programa está estruturado em três grandes pilares: prevenção, com ações de formação, sensibilização e promoção à saúde; acolhimento, com ações para organização de redes e canais de acolhimento; e tratamento de denúncias, com o estabelecimento de diretrizes e de orientações que evitem a revitimização e a retaliação.

Outra ação do governo federal foi enviar ao Congresso Nacional, em março de 2023, mensagem para que o Brasil ratifique a Convenção 190, da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Esse tratado amplia os conceitos relacionados à violência e ao assédio, além de apontar o papel dos empregadores na prevenção de práticas inaceitáveis, definindo medidas concretas para lidar com casos de violação.

Pôr fim à violência contra a mulher, seja no mundo do trabalho, nas ruas ou nos ambientes domésticos, é um compromisso permanente do Estado brasileiro. Descortinar o problema e dar o devido crédito à palavra da mulher é o primeiro passo para a construção de uma cultura de proteção e respeito aos direitos humanos das mulheres em sua diversidade. Para todas, o Ligue 180 estará sempre à disposição, oferecendo atendimento acolhedor e humanizado.

Cida Gonçalves é Ministra das Mulheres do Governo Federal  
Artigo publicado originalmente na Folha de S. Paulo.



# SENADORES DO PT IRÃO DEBATER INCÊNDIOS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O Plenário vai discutir as queimadas em debates temáticos na quarta (25). Parlamentares do PT apresentaram propostas para aprimorar legislação de proteção ao meio ambiente e endurecer penas para crimes ambientais

## Agência PT

**A**penas no dia 16 de setembro deste ano, o Brasil registrou 1.795 novos focos de incêndio. Durante a primeira quinzena do mesmo mês, foram mais de 57 mil – um aumento de 132% em relação ao mesmo período no ano passado.

Durante o mês de agosto deste ano foram registrados 68,3 mil focos de queimadas no Brasil. O número representa um crescimento de 144% em relação ao mesmo período de 2023, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Diante dessa realidade preocupante, o plenário do Senado vai discutir, em sessão de debates temáticos, os incêndios florestais e as mudanças climáticas. A sessão será realizada na próxima quarta-feira (25), às 14h.

Além de prejudicar o meio ambiente, a poluição provocada põe em risco a saúde pública, resultando no aumento de doenças respiratórias, especialmente entre crianças e idosos. Hospitais nas regiões com maiores índices de queimadas vêm recebendo um número crescente de pessoas com esses problemas.

“A agenda ambiental é uma

urgência do presente. O compromisso com a preservação do meio ambiente deve fazer parte do projeto de todos, pois interfere na vida e no agora de todos e todos. A justiça social e climática deve ser tratada como uma das prioridades dos municípios, dos estados e do país”, destacou a senadora Teresa Leitão (PT-PE), vice-líder do PT no Senado.

“O Brasil precisa compreender que as questões climáticas e ambientais traçam os rumos do presente e do futuro. Elas precisam estar nas agendas governamentais. Não podemos mais negligenciá-las. O combate às queimadas exige um planejamento de curto, médio e longo prazo. Muita prevenção”, disse o senador Paulo Paim (PT-RS), presidente da Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado.

## PT no Senado apresenta propostas

Diante do quadro desolador vivido no Brasil nas últimas semanas, os senadores do PT reagiram com a apresentação de diversas propostas de lei que visam aprimorar a atual legislação.

O senador Humberto Costa (PT-PE) apresentou o PL 3.417/2024 que aumenta a pena

em um terço para incêndios cometidos por duas ou mais pessoas. A proposta está na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), aguardando emendas antes da votação em caráter terminativo. Ou seja, se aprovado na comissão, o texto seguirá diretamente para a Câmara dos Deputados, a menos que seja aprovado requerimento para votação em plenário.

Já o vice-presidente da Comissão de Meio Ambiente do Senado (CMA), senador Fabiano Contarato (PT-ES), apresentou proposta que endurece a pena contra criminosos que provocarem incêndios. O PL 3589/2024 dobra a pena para quem provoca incêndios florestais de forma intencional, e insere a prática no rol de crimes hediondos.

Caso a proposta seja aprovada, a pena passará a ser de 4 a 8 anos de detenção, sem direito a fiança e com cumprimento inicial no regime fechado. Nos casos em que o incêndio cause risco à vida, à integridade física ou a patrimônio material, a pena seria ampliada para um período de 6 a 12 anos.

“Uma legislação mais rígida, aliada à educação e à fiscalização permanente, é fundamental para combater esse problema”, argumenta Contarato.

# CSBH RECEBEU A DOCUMENTAÇÃO QUE REGISTRA A VIDA SINDICAL, POLÍTICA E PESSOAL DO EX-PRESIDENTE DO PT

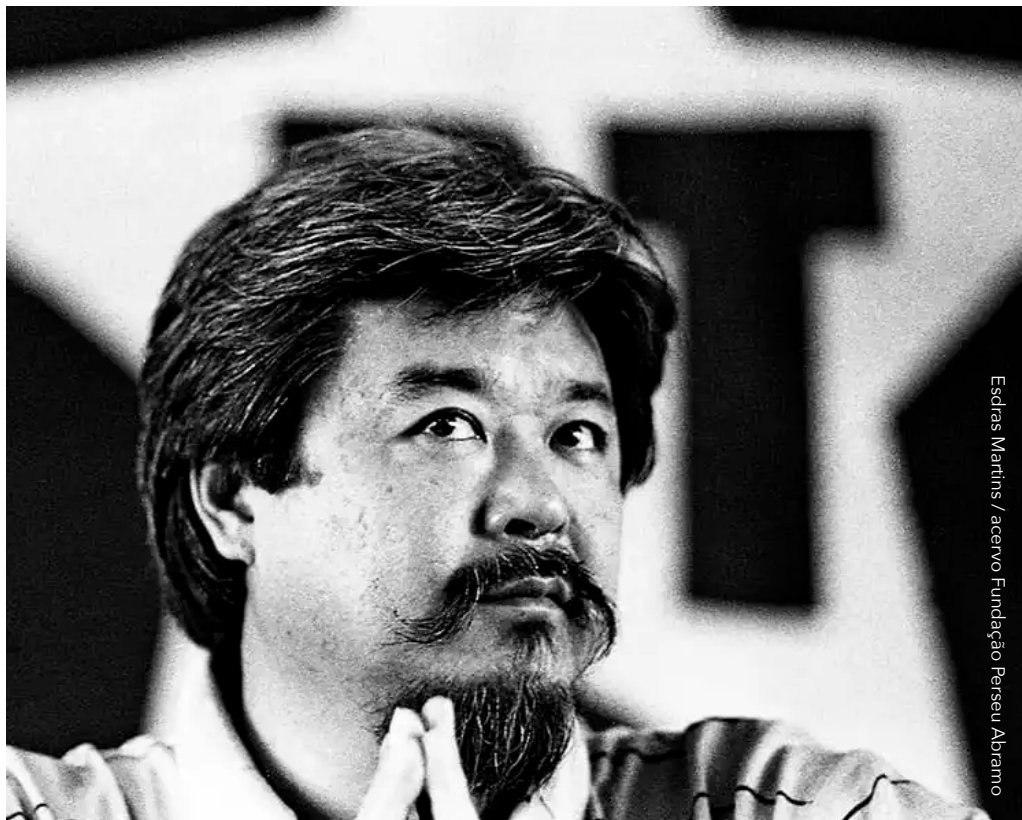
Redação FPA

O Centro de Documentação e Memória Política Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Perseu Abramo, incorporou recentemente o acervo de Luiz Gushiken, importante nome do Partido dos Trabalhadores. Os itens disponíveis para a pesquisa do público são datados entre 1978 e 2006 com a predominância de documentos, fotografias e fitas k7.

Coordenadora do CSBH, Vanessa Nadotti destaca a pluralidade do material. “O acervo pessoal de Gushiken manifesta a vida dele nos âmbitos particular, militante e político, com documentos de cunho familiar, da atuação no Sindicato dos Bancários, da formação da CUT, além do período como deputado federal e na atuação no governo”, explica.

Os materiais já estão disponíveis para a pesquisa do público. “Um dos documentos mais interessantes é o que reflete o movimento pró-PT, porque conta a história de quando muitos trabalhadores, de diferentes categorias, se juntaram para pensar um partido. Também nos chamou a atenção uma camisa da campanha para deputado constituinte de Gushiken”, comenta a pesquisadora.

Gushiken morreu em 2013, vítima de um câncer, e teve sua vida marcada pela defesa dos interesses dos trabalhadores. Presidiu o PT entre 1988 e 1990, partido



Esdras Martins / acervo Fundação Perseu Abramo

o qual ajudou a fundar, e esteve envolvido também na criação da Central Única dos Trabalhadores. Durante o período da ditadura militar, foi preso quatro vezes no DOPS.

Na vida política, o administrador, formado pela Fundação Getúlio Vargas, atuou na Câmara dos Deputados por três mandatos. Participou de maneira mais ativa da primeira gestão do governo Lula, na Secretaria de Comunicação, além de chefiar o NAE, Núcleo de Assuntos Estratégicos.

De acordo com a coordenadora do centro de memória e documentação, a ideia é que, aos poucos, sejam incorporados acervos de outros ex-presidentes do partido; atualmente, já foram doados

materiais de José Dirceu e José Genoino.

Vanessa Nadotti comenta que a ponte para a incorporação do acervo de Gushiken foi feita pela jornalista Fernanda Otero, organizadora do livro “A Nova Ordem Luiz Gushiken”, publicado pela Fundação Perseu Abramo, e que as tratativas do CSBH foram realizadas junto à viúva Beth Gushiken, que contribuiu ativamente com o trabalho, cedendo todo o material e as informações sobre o estado de conservação.

O livro foi transformado em áudio livro e está disponível para acesso em um [podcast no YouTube](#). A gravação foi feita pela organizadora e os sete vídeos podem ser consultados por autor.

# VÍDEOS MOSTRAM COMO ABORDAR POPULAÇÃO IDOSA E VALORIZAR AS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

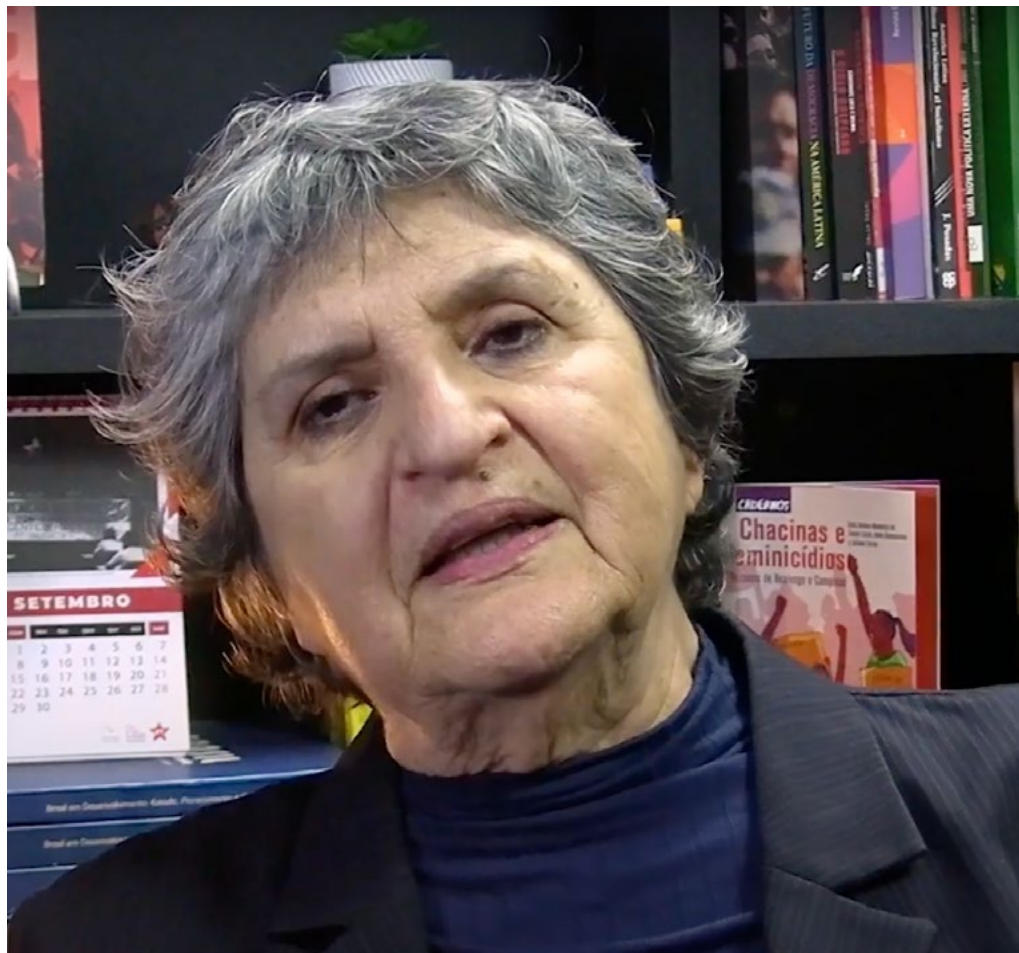
Os vídeos estão disponíveis na página FPA nas Eleições 2024 , que consiste em uma série de manuais e cartilhas

**A** Fundação Perseu Abramo apresenta dois vídeos para subsidiar a estratégia de campanhas eleitorais municipais. O primeiro quer melhorar o diálogo com as pessoas idosas e o outro traz dicas sobre a necessidade de se valorizar e se comprometer com as políticas de assistência social.

No caso dos idosos, a consultora e pesquisadora de Economia do Envelhecimento, Maria do Carmo Guido, explica os cuidados que devem ser dedicados a esse público, que representa 15,8% da população brasileira, segundo o Censo 2022. Para tanto, reforça que eles devem ser considerados como importantes agentes econômicos, e não um peso à sociedade.

## Mobilidade e política de cuidados

Nesse sentido, a estudiosa destaca ser preciso remanejar investimentos na previdência e na seguridade social, uma vez que essa faixa etária tem aumentado no país. Além disso, reforça a adoção de medidas que facilitem a locomoção dessas pessoas. "A mobilidade urbana não é cara, ela é acessível", afirma na



gravação.

No segundo vídeo, a ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Márcia Lopes, traça um panorama sobre o que significam as políticas de assistência social para o conjunto da população.

A partir disso, ela lembra a relevância das candidaturas petistas apresentarem propostas e assumirem compromissos que

valorizem a chamada primeira infância, o combate à fome e o direito universal dos cidadãos às ações de proteção social.

Os vídeos estão disponíveis na página FPA nas Eleições 2024 , que consiste em uma série de manuais e cartilhas (em formato digital para download) e vídeos temáticos sobre os mais diferentes temas que dizem respeito ao cotidiano dos municípios.





# ALMODÓVAR CHEGA AOS 75 ANOS COM CHANCES DE MAIS UM OSCAR

Com estreia na língua inglesa, Almodóvar chega aos 75 com chances de mais uma estatueta da academia, com *The Room Next Door* (O quarto lado, no Brasil)

Henrique Nunes

**A**os 75 anos recém completados, o diretor espanhol Pedro Almodóvar, um dos cabeças do movimento cultural mais importantes da Espanha, a *Movida Madrileña*, acaba de disponibilizar mais uma obra no catálogo almodovariano - o termo, aliás, tornou-se, ele próprio, uma escola de como fazer cinema de autor, característica que tornaram as obras de Almodóvar um verdadeiro gênero.

O termo cinema de autor, em

geral, é definido como "expressão que se refere a filmes que refletem a personalidade artística" do seu criador, com encontrado em manuais para roteiristas e diretores iniciantes.

Daí surgem termos subsequentes como obra tarantiniana, para caracterizar os filmes de Quentin Tarantino, ou "obra scorsesiana", para os de Martin Scorsese, e assim por diante. Sem cair no erro das comparações, tampouco subestimar o trabalho dos dois diretores estadunidenses, nenhum cinema de autor ainda em atividade parece ser páreo para o de Pedro Almodóvar.

**Novo filme**

Ao lançar *The Room Next Door*, que será lançado no Brasil como *O Quarto ao Lado*, ele não só venceu o Urso de Ouro em Veneza, como ampliou a lista de obras sobre as estranhezas de homens e mulheres (mais mulheres do que homens) comuns (ou quase) que aparecem em suas histórias com filmografia repleta de cores vibrantes, trilhas sonoras ultra passionais e desdobramentos que nos tem feito cair o queixo desde o início da década de 80.

Contando com os curtas que

Almodóvar já escreveu e dirigiu, são mais de 40 trabalhos realizados, com 25 longas metragens. Na estante, se é que o diretor é de ostentar, dois Oscars, dois Globos de Ouro, quatro Palmas de Ouro, outros quatro Baftas e mais meia dúzia de prêmios Goya, o mais importante da Espanha. O novo filme, a propósito, já é cogitado para a lista do Oscar em 2025 e como favorito.

## Cores de Almodóvar

As cores são uma das características mais importantes em sua obra cinematográfica. Sendo o vermelho a mais marcante, como o diretor mesmo assume: "Uso o vermelho de uma maneira bem sensual - não importa a cultura, é sempre uma cor significativa".

Quem nos explica é Mariana Marques, especialista na área, em artigo para o Instituto de Cinema. "As cores também são características importantes em seus filmes, sendo o vermelho a mais marcante, como o diretor mesmo assume: "Uso o vermelho de uma maneira bem sensual - não importa a cultura, é sempre uma cor significativa".

Mas ainda assim existe mistura de cores, influência da estética kitsch - presente em suas obras desde o início. Além dessa estética estar expressa nos figurinos e na cenografia, está também nas situações que passam os protagonistas, com melodramas, dramalhões e tragicomédias", explica.

## Almodovarianas

A autora lembra que o "almodovarianismo" já começou como uma escola, influenciada pelo movimento cultural Movida Madrilenha, que surgiu como resposta contracultural na década de 1970 numa Espanha ainda em transição após a ditadura de



**COTADO** - Estrelado pelas atrizes Julianne Moore e Tilda Swinton, o filme é o primeiro longa-metragem do cineasta espanhol gravado em inglês



**MUSA** - Na imagem, Almodóvar dirige Penelope Cruz em "Madres Paralelas" (2021)

Francisco Franco.

Almodóvar foi o seu principal expoente desde Pepi, Luci, Bom y otras chicas del montón (1980), Laberinto de pasiones (1982), as primeiras obras do diretor. A marca registrada do movimento, na verdade, era mais política do que estética: a ideia era mostrar uma Espanha plural, aberta para outras culturas e sem as amarras do politicamente correto.

Dali em diante, ficou fácil identificar um filme dirigido por Pedro Almodóvar, seja por toda essa bem aventurada soberba estética, que é só dele e de mais ninguém, pela presença de ato-

res frequentes (viva Antonio Banderas) ou, por que não, de um pouquinho de Brasil aqui ou ali.

É isso mesmo. Quem garante é o próprio Almodóvar. Em 2019, durante a apresentação do seu filme Dor e Glória no Festival de Cannes, ele declarou que o Brasil o "impressiona visualmente, culturalmente e no modo de vida dos brasileiros". E completou: "Minha paixão pelo Brasil é algo que vem de outras vidas". Sua amizade com Caetano Veloso, aliás, já rendeu duas trilhas sonoras para os seus filmes. A escola almodovariana também já sam-



# EM SETEMBRO DE 1936, OLGA ERA DEPORTADA E ENTREGUE À GESTAPO

Mesmo grávida, mulher de Prestes é levada à força para um navio alemão



Arquivo Fernando Morais/Memorial da Democracia

Centro de Memória CSBH/FPA

**E**m 23 de setembro de 1936, Olga Benário, mulher de Luís Carlos Prestes, é embarcada para a Alemanha. No mesmo navio, segue também Elise Ewert, mulher de Arthur Ewert. O decreto de expulsão do país de Olga Benário foi assinado em 27 de agosto por Getúlio Vargas, que desprezou sua gravidez e seu casamento com um brasileiro, situações que lhe garantiriam a permanência

no país.

Filinto Müller já havia combinado com oficiais da Gestapo, a temida polícia política alemã, que ela seria embarcada num navio que seguiria direto para Hamburgo (Alemanha), evitando assim que militantes antifascistas a resgassem em algum porto no caminho. Como Olga era judia e comunista, foi o mesmo que condená-la à morte.

No dia da deportação, os presos políticos da Casa de Detenção, onde Olga e Elise estavam encarceradas, se rebelaram, em

vão, na esperança de impedir que os homens de Filinto Müller levassem à força as duas mulheres. Conduzidas ao navio "La Coruña", menos de um mês depois, no dia 18 de outubro, estariam nas mãos da Gestapo.

Nas prisões nazistas, assim como acontecera no Brasil, Elise seria barbaramente torturada. Lá, Olga daria à luz a menina Anita, em novembro de 1936. Em 1938, Olga e Elise seriam transferidas para o campo de concentração de Lichtenburg, onde Elise, já debilitada pela fome, frio e trabalhos forçados, morreria de tuberculose aos 32 anos.

Uma intensa campanha internacional foi movida pela libertação de Olga, mas só conseguiram a entrega da pequena Anita à avó paterna, Leocádia. Durante muito tempo, Olga, que teve a filha arrancada dos braços sem explicação, ficou sem saber o paradeiro da filha. Em 23 de abril de 1942, Olga foi removida para o campo de extermínio de Bernburg, onde seria assassinada numa câmara de gás, antes de completar 34 anos.

Anita Leocádia Prestes viveria com a avó no México até os 8 anos. Só conheceria o pai em 1945, quando ele saiu da prisão.

Esta publicação é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, e o Memorial da Democracia. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização





## NA ONU, LULA CRITICA NEGOCIAÇÃO ENTRE LÍDERES MUNDIAIS E PROPÕE REFORMAS

O Brasil é tradicionalmente o primeiro país a discursar. Durante o pronunciamento, presidente falou sobre mudanças climáticas, guerras e nova governança global

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou a falta de eficiência dos líderes globais na resolução de problemas planetários, afirmando que eles "andam em círculos" e alcançam resultados "insuficientes". Durante seu discurso na abertura da 79ª Assembleia Geral da ONU, Lula destacou as dificuldades na aprovação do Pacto para o Futuro, documento que visa fortalecer a cooperação global. "Sua difícil aprovação demonstra o enfraquecimento de nossa capacidade coletiva de

negociação e diálogo", afirmou.

Lula defendeu que a crise da governança global exige transformações estruturais, e que essa responsabilidade recai sobre a Assembleia Geral, "expressão maior do multilateralismo". Ele ressaltou que a Carta das Nações Unidas, criada há quase 80 anos, nunca passou por uma reforma abrangente, apesar do aumento de 51 para 193 países membros.

O Brasil propõe a reforma do Conselho de Segurança, incluindo mudanças em sua composição e no direito de veto, para torná-lo mais eficaz e represen-

tativo. "A exclusão da América Latina e da África de assentos permanentes no Conselho de Segurança é um eco inaceitável de práticas de dominação do passado colonial", disse Lula.

Lula também sugeriu transformar o Conselho Econômico e Social em principal foro para tratar de desenvolvimento sustentável e mudanças climáticas, fortalecer a Comissão de Consolidação da Paz e revitalizar o papel da Assembleia Geral em temas de paz e segurança internacionais.

Confira o discurso na íntegra do presidente Lula:

Meus cumprimentos ao presidente da Assembleia Geral, Philimon Yang.

E também quero saudar o secretário-geral António Guterres e cada um dos Chefes de Estado e de Governo e delegadas e delegados presentes.

Dirijo-me em particular à delegação palestina, que integra pela primeira vez esta sessão de abertura, mesmo que ainda na condição de membro observador. E quero saudar a presença do presidente Mahmoud Abbas.

Adotamos anteontem, aqui neste mesmo plenário, o Pacto para o Futuro.

Sua difícil aprovação demonstra o enfraquecimento de nossa capacidade coletiva de negociação e diálogo.

Seu alcance limitado também é a expressão do paradoxo do nosso tempo: andamos em círculos entre compromissos possíveis que levam a resultados insuficientes.

Nem mesmo com a tragédia da COVID-19, fomos capazes de nos unir em torno de um Tratado sobre Pandemias na Organização Mundial da Saúde.

Precisamos ir muito além e dotar a ONU dos meios necessários para enfrentar as mudanças vertiginosas do panorama internacional.

Vivemos momento de crescentes angústias, frustrações, tensões e medo.

Testemunhamos alarmante escalada de disputas geopolíticas e de rivalidades estratégicas.

2023 ostenta o triste recorde do maior número de conflitos desde a Segunda Guerra Mundial.

Os gastos militares globais cresceram pelo nono ano consecutivo e atingiram 2,4 trilhões de dólares.

Mais de 90 bilhões de dólares foram mobilizados com arsenais nucleares.

Esses recursos poderiam ter

sido utilizados para combater a fome e enfrentar a mudança do clima.

O que se vê é o aumento das capacidades bélicas.

O uso da força, sem amparo no Direito Internacional, está se tornando a regra.

Presenciamos dois conflitos simultâneos com potencial de se tornarem confrontos generalizados.

Na Ucrânia, é com pesar que vemos a guerra se estender sem perspectiva de paz.

O Brasil condenou de maneira firme a invasão do território ucraniano.

Já está claro que nenhuma das partes conseguirá atingir todos os seus objetivos pela via militar.

O recurso a armamentos cada vez mais destrutivos traz à memória os tempos mais sombrios do confronto estéril da Guerra Fria.

Criar condições para a retomada do diálogo direto entre as partes é crucial neste momento.

Essa é a mensagem do entendimento de seis pontos que China e Brasil oferecem para que se instale um processo de diálogo e o fim das hostilidades.

Em Gaza e na Cisjordânia, assistimos a uma das maiores crises humanitárias da história recente, e que agora se expande perigosamente para o Líbano.

O que começou como ação terrorista de fanáticos contra civis israelenses inocentes, tornou-se punição coletiva de todo o povo palestino.

São mais de 40 mil vítimas fatais, em sua maioria mulheres e crianças.

O direito de defesa transformou-se no direito de vingança, que impede um acordo para a liberação de reféns e adia o cessar-fogo.

Conflitos esquecidos no Sudão e no Iêmen impõem sofrimento atroz a quase trinta milhões de pessoas.

Este ano, o número dos que

necessitam de ajuda humanitária no mundo chegará a 300 milhões.

Em tempos de crescente polarização, expressões como “desglobalização” se tornaram corriqueiras.

Mas é impossível “desplanetizar” nossa vida em comum.

Estamos condenados à interdependência da mudança climática.

O planeta já não espera para cobrar da próxima geração e está farto de acordos climáticos não cumpridos.

Está cansado de metas de redução de emissão de carbono negligenciadas e do auxílio financeiro aos países pobres que não chega.

O negacionismo sucumbe ante as evidências do aquecimento global.

2024 caminha para ser o ano mais quente da história moderna.

Furacões no Caribe, tufões na Ásia, secas e inundações na África e chuvas torrenciais na Europa deixam um rastro de mortes e de destruição.

No sul do Brasil tivemos a maior enchente desde 1941.

A Amazônia está atravessando a pior estiagem em 45 anos.

Incêndios florestais se alastraram pelo país e já devoraram 5 milhões de hectares apenas no mês de agosto.

O meu governo não terceiriza responsabilidades nem abdica da sua soberania.

Já fizemos muito, mas sabemos que é preciso fazer mais.

Além de enfrentar o desafio da crise climática, lutamos contra quem lucra com a degradação ambiental.

Não transigiremos com ilícitos ambientais, com o garimpo ilegal e com o crime organizado.

Reduzimos o desmatamento na Amazônia em 50% no último ano e vamos erradicá-lo até 2030.

Não é mais admissível pensar em soluções para as florestas tro-

*picais sem ouvir os povos indígenas, comunidades tradicionais e todos aqueles que vivem nelas.*

*Nossa visão de desenvolvimento sustentável está alicerçada no potencial da bioeconomia.*

*O Brasil sediará a COP-30, em 2025, convicto de que o multilateralismo é o único caminho para superar a urgência climática.*

*Nossa Contribuição Nacionalmente Determinada (a NDC) será apresentada ainda este ano, em linha com o objetivo de limitar o aumento da temperatura do planeta a um grau e meio.*

*O Brasil desponta como celeiro de oportunidades neste mundo revolucionado pela transição energética.*

*Somos hoje um dos países com a matriz energética mais limpa.*

*90% da nossa eletricidade provém de fontes renováveis como a biomassa, a hidrelétrica, a solar e a eólica.*

*Fizemos a opção pelos biocombustíveis há 50 anos, muito antes que a discussão sobre energias alternativas ganhasse tração.*

*Estamos na vanguarda em outros nichos importantes como o da produção do hidrogênio verde.*

*É hora de enfrentar o debate sobre o ritmo lento da descarbonização do planeta e trabalhar por uma economia menos dependente de combustíveis fósseis.*

*Na América Latina vive-se desde 2014 uma segunda década perdida.*

*O crescimento médio da região nesse período foi de apenas 0,9%, metade do verificado na década perdida de 1980.*

*Essa combinação de baixo crescimento e altos níveis de desigualdade resulta em efeitos nefastos sobre a paisagem política.*

*Tragada por disputas, muitas vezes alheias à região, nossa vocação de cooperação e entendi-*

*mento se fragiliza.*

*É injustificado manter Cuba em uma lista unilateral de Estados que supostamente promovem o terrorismo e impor medidas coercitivas unilaterais, que penalizam indevidamente as populações mais vulneráveis.*

*No Haiti, é inadiável conjugar ações para restaurar a ordem pública e promover o desenvolvimento.*

*No Brasil, a defesa da democracia implica ação permanente ante investidas extremistas, messiânicas e totalitárias, que espalham o ódio, a intolerância e o ressentimento.*

*Brasileiras e brasileiros continuarão a derrotar os que tentam solapar as instituições e colocá-las a serviço de interesses reacionários.*

*A democracia precisa responder às legítimas aspirações dos que não aceitam mais a fome, a desigualdade, o desemprego e a violência.*

*No mundo globalizado não faz sentido recorrer a falsos patriotas e isolacionistas.*

*Tampouco há esperança no recurso a experiências ultraliberais que apenas agravam as dificuldades de um continente depauperado.*

*O futuro de nossa região passa, sobretudo, por construir um Estado sustentável, eficiente, inclusivo e que enfrenta todas as formas de discriminação.*

*Que não se intimida ante indivíduos, corporações ou plataformas digitais que se julgam acima da lei.*

*A liberdade é a primeira vítima de um mundo sem regras.*

*Elementos essenciais da soberania incluem o direito de legislar, julgar disputas e fazer cumprir as regras dentro de seu território, incluindo o ambiente digital.*

*O Estado que estamos construindo é sensível às necessidades dos mais vulneráveis sem abdicar de fundamentos macroe-*

*conômicos sadios.*

*A falsa oposição entre Estado e mercado foi abandonada pelas nações desenvolvidas, que voltaram a praticar políticas industriais ativas e forte regulação da economia doméstica.*

*Na área de Inteligência Artificial, vivenciamos a consolidação de assimetrias que levam a um verdadeiro oligopólio do saber.*

*Avança a concentração sem precedentes nas mãos de um pequeno número de pessoas e de empresas, sediadas em um número ainda menor de países.*

*Interessa-nos uma Inteligência Artificial emancipadora, que também tenha a cara do Sul Global e que fortaleça a diversidade cultural.*

*Que respeite os direitos humanos, proteja dados pessoais e promova a integridade da informação.*

*E, sobretudo, que seja ferreamento para a paz, não para a guerra.*

*Necessitamos de uma governança intergovernamental da inteligência artificial, em que todos os Estados tenham assento.*

*As condições para acesso a recursos financeiros seguem proibitivas para a maioria dos países de renda média e baixa.*

*O fardo da dívida limita o espaço fiscal para investir em saúde e educação, reduzir as desigualdades e enfrentar a mudança do clima.*

*Países da África tomam empréstimo a taxas até 8 vezes maiores do que a Alemanha e 4 vezes maior que os Estados Unidos.*

*É um Plano Marshall às avessas, em que os mais pobres financiam os mais ricos.*

*Sem maior participação dos países em desenvolvimento na direção do FMI e do Banco Mundial não haverá mudança efetiva.*

*Enquanto os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ficam para trás, as 150 maiores empresas do mundo obtiveram, juntas,*



lucro de 1,8 trilhão de dólares nos últimos dois anos.

A fortuna dos 5 principais bilionários mais que dobrou desde o início desta década, ao passo que 60% da humanidade ficou mais pobre.

Os super-ricos pagam proporcionalmente muito menos impostos do que a classe trabalhadora.

Para corrigir essa anomalia, o Brasil tem insistido na cooperação internacional para desenvolver padrões mínimos de tributação global.

Os dados divulgados há dois meses pela FAO sobre o estado da insegurança alimentar no mundo são estarrecedores.

O número de pessoas passando fome ao redor do planeta aumentou em mais de 152 milhões desde 2019.

Isso significa que 9% da população mundial (733 milhões de pessoas) estão subnutridas.

O problema é especialmente grave na África e na Ásia, mas ele também persiste em partes da América Latina.

Mulheres e meninas são a maioria das pessoas em situação de fome no mundo.

Pandemias, conflitos armados, eventos climáticos e subsídios agrícolas dos países ricos ampliam o alcance desse flagelo.

Mas a fome não é resultado apenas de fatores externos. Ela decorre, sobretudo, de escolhas políticas.

Hoje o mundo produz alimentos mais do que suficientes para erradicá-la.

O que falta é criar condições de acesso aos alimentos.

Este é o compromisso mais urgente do meu governo: acabar com a fome no Brasil, como fizemos em 2014.

Só em 2023, retiramos 24 milhões e 400 mil pessoas da condição de insegurança alimentar severa.

A Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, que lançare-

mos no Rio de Janeiro em novembro, nasce dessa vontade política e desse espírito de solidariedade.

Ela será um dos principais resultados da presidência brasileira do G20 e está aberta a todos os países do mundo.

Todos os que queiram se somar a esse esforço coletivo são bem-vindos.

Senhor presidente, senhoras e senhores,

Prestes a completar 80 anos, a Carta das Nações Unidas nunca passou por uma reforma abrangente.

Apenas quatro emendas foram aprovadas, todas elas entre 1965 e 1973.

A versão atual da Carta não trata de alguns dos desafios mais prementes da humanidade.

Na fundação da ONU, éramos 51 países. Hoje somos 193.

Várias nações, principalmente no continente africano, estavam sob domínio colonial e não tiveram voz sobre seus objetivos e funcionamento.

Inexiste equilíbrio de gênero no exercício das mais altas funções. O cargo de Secretário-Geral jamais foi ocupado por uma mulher.

Estamos chegando ao final do primeiro quarto do século XXI com as Nações Unidas cada vez mais esvaziadas e paralisadas.

É hora de reagir com vigor a essa situação, restituindo à Organização as prerrogativas que decorrem da sua condição de foro universal.

Não bastam ajustes pontuais.

Precisamos contemplar uma ampla revisão da Carta.

Sua reforma deve compreender os seguintes objetivos:

- a transformação do Conselho Econômico e Social no principal foro para o tratamento do desenvolvimento sustentável e do combate à mudança climática, com capacidade real de inspirar as instituições financeiras.

- a revitalização do papel da Assembleia Geral, inclusive em temas de paz e segurança internacionais.

- o fortalecimento da Comissão de Consolidação da Paz.

- a reforma do Conselho de Segurança, com foco em sua composição, métodos de trabalho e direito de veto, de modo a torná-lo mais eficaz e representativo das realidades contemporâneas.

A exclusão da América Latina e da África de assentos permanentes no Conselho de Segurança é um eco inaceitável de práticas de dominação do passado colonial.

Vamos promover essa discussão de forma transparente em consultas no G77, no G20, no BRICS e na CELAC, no CARICOM, entre tantos outros espaços.

Não tenho ilusões sobre a complexidade de uma reforma como essa, que enfrentará interesses cristalizados de manutenção do status quo.

Exigirá enorme esforço de negociação. Mas essa é a nossa responsabilidade.

Não podemos esperar por outra tragédia mundial, como a Segunda Grande Guerra, para só então construir sobre os seus escombros uma nova governança global.

A vontade da maioria pode persuadir os que se apegam às expressões cruas dos mecanismos do poder.

Neste plenário ecoam as aspirações da humanidade.

Aqui travamos os grandes debates do mundo.

Neste foro buscamos as respostas para os problemas que afligem o planeta.

Recai sobre a Assembleia Geral, expressão maior do multilateralismo, a missão de pavimentar o caminho para o futuro.

Muito obrigado.

Luiz Inácio Lula da Silva, Nova York, 24 de setembro de 2024



Bill Gates e presidente Lula durante a cerimônia de premiação anual da iniciativa Goalkeepers, organizada pela Fundação Bill e Melinda Gates, em Nova York

# PRESIDENTE LULA RECEBE PRÊMIO POR POLÍTICAS DE COMBATE À FOME E À POBREZA

Fundação Bill e Melinda Gates reconheceu a relevância de iniciativas como o programa Bolsa Família e a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu, ainda nesta segunda-feira (23), um prêmio pelas políticas de combate à fome e à pobreza implementadas durante seus três mandatos na Presidência da República. O reconhecimento foi dado na premiação anual da iniciativa Goalkeepers, organizada pela Fundação Bill e Melinda Gates, em Nova York, nos Estados Unidos.

“A obsessão que eu tenho para tentar cuidar de combater a fome no mundo é exatamente pela minha origem. Eu nasci num estado muito pobre do Nordeste e, com sete anos de idade, a

minha mãe teve que se retirar do Nordeste para São Paulo, com oito filhos menores, na perspectiva de fazer os filhos sobreviverem”, ressaltou o presidente Lula no início de sua fala.

Antes de entregar o prêmio ao presidente Lula, o filantropo e fundador da Microsoft, Bill Gates, exaltou a atuação do líder brasileiro no enfrentamento à fome. “Presidente Lula, sua jornada, de uma experiência com fome na infância até se tornar um líder global, é verdadeiramente inspiradora. O seu trabalho nos mostra que todos nós podemos ter a visão que programas concretos podem realmente gerar progressos incríveis para deixar cada

criança crescer e prosperar”, declarou Gates.

Lula demonstrou sua indignação com a persistência da fome no mundo e defendeu que os líderes globais tomem atitudes para acabar com essa mazela. “É inadmissível que no século 21, num mundo com alta tecnologia, a gente tenha criança que vai dormir de noite sem comer, e levanta de manhã sem ter um pão com manteiga para tomar café. A fome não é um fenômeno da natureza. A fome é a irresponsabilidade dos governantes do mundo que não querem enxergar as pessoas mais pobres, que não cuidam da necessidade de distribuição de alimentos”, afirmou.

# ATAQUE DE ISRAEL AO LÍBANO PROVOCA FUGA EM MASSA NA REGIÃO DE BEIRUTE

Após uma semana de explosões e ataques mútuos, centenas de mortos e milhares de feridos, libaneses fogem da guerra



Reprodução Redes Sociais

## Redação Focus Brasil

O subúrbio de Beirute e algumas regiões da Síria e Líbano sofreram na última semana uma sequência de explosões em dispositivos de comunicação pagers e walkie talkies que deixou aproximadamente 3.000 pessoas feridas e 39 mortos, entre elas duas crianças.

A agência Reuters informou que o ataque teria sido provocado por Israel, que teria implantado explosivos nos equipamentos, que possuem tecnologia chinesa, mas foram adquiridos na Hungria,

Na sexta-feira (20), Israel realizou mais um bombardeio a Beirute. O ataque aéreo que teria matado 14 e ferido outras 59 pessoas,

informou o Euronews.

No domingo, o Hezbollah disparou mais de 100 foguetes, mísseis e drones contra o norte de Israel, com alguns explosivos atingindo áreas próximas à cidade de Haifa.

Nova sequência de bombardeios foi realizada por Israel na segunda-feira (23), e de acordo com o Ministério da Saúde do Líbano, pelo menos 356 pessoas, incluindo crianças, mulheres e equipes de resgate, perderam a vida nos ataques aéreos realizados por Israel.

A principal estrada que leva da cidade portuária de Sidon a Beirute ficou congestionada, marcando o maior movimento de fuga desde os conflitos de 2006.

Desde outubro, cerca de 600

pessoas foram mortas no Líbano, entre elas, aproximadamente 100 civis. A ação da última segunda-feira é considerada a ofensiva mais letal dos últimos tempos.

## Reações

O agravamento da guerra na região do território onde se localiza a Palestina ocorria enquanto era votado e aprovado na Sessão especial de emergência da Assembleia Geral sobre a Palestina, uma resolução que apela a Israel pôr fim à sua "presença ilegal no Território Palestino Ocupado". O texto foi aprovado por 124 votos favoráveis, 14 contrários e 43 abstenções.

O alto representante da União Europeia, Josep Borrell também manifestou-se em sua conta no X, no domingo, 22, e compartilhou uma nota dizendo que a UE "está extremamente preocupada com a escalada no Líbano na sequência dos ataques de sexta-feira em Beirute, em que pelo menos três crianças foram mortas, e com a crescente violência transfronteiriça entre Israel e o Hezbollah.

Na segunda (23), voltaram a registrar fortes ataques, tanto em Israel como no Líbano. É urgentemente necessário um cessar-fogo, tanto na Linha Azul como em Gaza", afirmou Josep Borrell.

No encontro da Assembleia Geral da ONU que começou no domingo em Nova York, o Secretário Geral. Antonio Gutierrez declarou que estaria preocupado "com a possibilidade de o Líbano se transformar numa nova Gaza". O secretário apelou a Israel e ao Hezbollah para que 'reduzam as tensões'.



# O CAMINHO DA ÍNDIA

Parece claro que a Índia já tomou uma posição de longo prazo, ao lado de seus vizinhos asiáticos



José Luís Fiori

A civilização indiana é tão ou mais antiga que a chinesa, embora seu desenvolvimento tenha sido mais descontínuo e menos homogêneo. Sua formação se deu ao longo do Rio Indo, e o processo de “sedentarização” de suas populações começou por volta do ano 5000 a.C. Seu território, entretanto, foi objeto de inúmeras invasões e ocupações por parte de povos “estrangeiros”.

Por volta de 1500 a.C., a região foi ocupada por povos indo-europeus provenientes do Mar Negro e do Mar Cáspio, quando se inicia o Período Védico. No ano de 520 a.C., seu território foi invadido por Dario, o Rei da Pérsia, e permaneceu 200 anos sob o domínio persa, até a invasão por Alexandre, o Grande, que trouxe consigo as marcas da civilização grega.

Todas essas sucessivas invasões, que prosseguiram nos séculos seguintes, só conseguiram se instalar de forma periférica, como entrepostos militares ou mercantis de uma produção local diversificada e sofisticada que fora obra milenar de uma população que

era cultural e linguisticamente heterogênea, mas que seguia majoritariamente o hinduísmo, a mais antiga de todas as religiões.

Até o momento em que se iniciaram as invasões e conquistas muçulmanas, no século VII, provenientes do Sístão, atual Irã, e que deram origem ao Império Mogol ou Mogul, fundado por Babur, descendente de Gengis Khan, e que chegou a dominar quase todo o subcontinente indiano entre 1526 e 1857. Essa estrutura imperial durou até 1720, pouco depois da morte do último grande imperador mogol, Aurangzeb.

Pouco depois, em 1763, a Companhia Inglesa das Índias Orientais impôs seu domínio mercantil e tributário sobre a região de Bengala e, a partir daí, progressivamente, sobre todo o território indiano, até que as forças do Império Britânico derrotaram a rebelião indiana de 1857-58, submetendo a Índia ao governo imperial da Coroa Britânica, de 1858 até sua independência, em 15 de agosto de 1948.

Em 1885, foi fundado o Congresso Nacional Indiano, primeira semente revolucionária de um movimento que adquiriu plena maturidade a partir de 1930, quando Gandhi lançou seu Movimento da

Desobediência Civil, que culminaria com a independência indiana e a divisão dos territórios britânicos entre Paquistão e Índia, e posteriormente, Bangladesh.

Depois de sua independência, a Índia adotou uma política externa anticolonialista e sofreu o efeito imediato da coincidência de sua data de independência com a data do início da Guerra Fria, logo antes da vitória da Revolução Comunista na China. Esses fatos por si só colocaram o território indiano no coração de um espaço geopolítico que teve grande importância durante toda a segunda metade do século XX, durante a Guerra do Vietnã, e após a queda do Xá do Irã e a invasão soviética do Afeganistão, ocorridas em 1979. Nesse período, a Índia enfrentou várias guerras de fronteira, três com o Paquistão (1948, 1965 e 1971) e uma com a China (1962), manteve uma disputa aberta com Bangladesh (1979), em relação à nacionalidade de uma ilha na Baía de Bengala, e desde

então mantém um litígio permanente com o Paquistão em torno de suas fronteiras na região de Jammu e Caxemira.

Constrangida pela forma como se deu a luta por sua independência, a Índia adotou uma posição de liderança incontestada e ativa dentro do Movimento dos Países Não-Alinhados, nascido da Conferência de Bandung, em 1955, apoiando um “neutralismo ativo” e uma defesa intransigente da soberania e igualdade de todas as nações contra todo tipo de pressão ou ingerência das grandes potências nos assuntos internos dos demais Estados. Estabeleceu um relacionamento econômico, político e militar muito estreito com a antiga URSS, que se manteve depois com

a Rússia.

A Índia não apresenta, à primeira vista, as características de uma potência expansiva, e se comporta, estrategicamente, como um Estado que foi obrigado a se armar para proteger e garantir sua segurança numa região de alta instabilidade. Assim mesmo, desenvolve e controla tecnologia militar de ponta, como no caso de seu sofisticado sistema balístico e arsenal atômico; possui, ainda, um dos exércitos mais bem treinados de toda a Ásia.

Mas foi só depois da sua derrota militar para a China, em 1962, e da primeira explosão nuclear chinesa, em 1964, logo antes da guerra com o Paquistão, em 1965, que a Índia abandonou o “idealismo prático” da política externa de Nehru e adotou a Realpolitik do primeiro-ministro Bahadur Shastri, que autorizou o início do programa nuclear, na década de 60.

Foi quando a Índia atingiu sua maturidade, com as explosões nucleares de 1998 e o sucesso do míssil balístico Agni II, em 1999. Naquele momento, ela se tornou uma potência atômica e definiu sua nova estratégia de inserção regional e internacional, com base na afirmação simultânea de seu novo poder militar.

Por outro lado, desde sua independência, a Índia vem adotando uma estratégia econômica de corte fortemente nacionalista, e hoje é o país com maior crescimento econômico dentro do sistema mundial.

Apesar do viés cada vez mais orientado na direção asiática, a política externa indiana mantém uma equidistância pragmática com relação a Estados Unidos, Europa e China, e em algum momento esteve próxima de se transformar em um aliado atômico dos americanos.

Mais recentemente, voltou a distanciar-se dos Estados Unidos e de seu projeto de construção de um cerco nuclear da China, com a possibilidade de extensão da área de atuação da OTAN até a região Indo-Pacífica.

Muito recentemente, já em meados de 2024, houve um mo-

vimento de reaproximação entre Índia e China, as nações mais populosas do planeta, que somam juntas três bilhões de habitantes e já são a primeira e a terceira maiores economias do mundo, respectivamente, por paridade de poder de compra.

Esta reaproximação sinaliza o desejo de resolver suas disputas de fronteira na Caxemira e em Arunachal Pradesh, que remontam a décadas e já provocaram enfrentamentos armados com a China, com quem mantém uma fronteira comum de 3.379 km de extensão.

O mesmo tem acontecido com relação ao Paquistão e, em ambos os casos, o novo governo indiano parece decidido a tranquilizar e estabilizar sua zona de influência na região sul da Ásia. Mais do que isso, a Índia tem resistido a participar do “Diálogo de Segurança Quadrilateral” promovido pelos Estados Unidos, o QUAD, que também envolve a Austrália e o Japão; mantém estreita relação comercial e estratégica com a Rússia; fez parte da criação conjunta do BRICS; e é membro da Organização de Cooperação de Shanghai.

Tudo indica que a Índia está se dispondo a resolver suas pendências regionais para poder assumir uma posição assertiva e global no cenário internacional, acorde com suas novas dimensões demográficas e econômicas, e com a previsão de que, até 2050, será o segundo país mais rico do mundo.

Somando todos esses fatos e fatores, parece claro que a Índia já tomou uma posição de longo prazo, ao lado de seus vizinhos asiáticos, contrários ao projeto QUAD, e mais ainda, à ideia de criação de uma OTAN na região do Indo-Pacífico.

E ainda, a Índia vem sinalizando seu desejo de afastar-se progressivamente do sistema monetário-financeiro apoiado no dólar, sobretudo depois do congelamento das reservas russas depositadas nos bancos americanos e europeus. Uma posição que vem angariando número cada vez maior de apoiadores dentro e fora da Ásia, sobretudo na região que se alimenta do efeito expansivo das economias

chinesa e indiana.

Esse verdadeiro turning point da política externa indiana explica, em parte, a iniciativa absolutamente inusitada e o movimento surpreendente do primeiro-ministro Narendra, que depois de ir a Moscou no mês de julho, visitou, em agosto, a Ucrânia e a Polônia, propondo-se a intermediar uma negociação de paz fora da Ásia, em plena Europa, envolvendo, como uma de suas partes fundamentais, a Grã-Bretanha, sua antiga potência colonial.

Assim, a Índia vai assumindo uma posição dentro do Sul Global análoga a que ocupou na Conferência de Bandung de 1955, e na formação do Movimento dos Países Não Alinhados que durante o período da Guerra Fria se opôs ao que consideravam como novas formas colonialismo e neocolonialismo das Grandes Potências daquele período. Mas este novo/velho caminho da política externa da Índia não será fácil, como se pôde ver pela retaliação quase imediata que sofreu com o Golpe de Estado que derrubou sua aliada, a Primeira-Ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina, no dia 4 de agosto recém passado, e que contou com o apoio/intervenção dos Estados Unidos.

Uma mudança forçada de governo, que seguiu o novo figurino das intervenções norte-americanas, desde o Golpe de Estado de 2014 na Ucrânia, e que pode transformar Bangladesh, em qualquer momento, num novo foco de atrito militar entre a Índia e a China. De qualquer forma, haverá que acompanhar os próximos desdobramentos para avaliar o comportamento desta nova Índia que está se propondo entrar no “jogo das Grandes Potências”.

Artigo publicado originalmente no Boletim de Conjuntura nº 7, de setembro de 2024 do Observatório Internacional do Século XXI, do Nubea, UFRJ.

José Luís Fiori é professor emérito de economia política internacional da UFRJ; coordenador do GP da UFRJ/CNPq “O poder global e a geopolítica do Capitalismo” e do Laboratório de “Ética e Poder Global”



22 de setembro de 1977

## POLÍCIA INVADE PUC-SP EM NOITE DE TERROR

Na noite de 22 de setembro de 1977, cerca de 2 mil estudantes de São Paulo e delegações de todo o país participam de ato público pela recriação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em frente ao Tuca, teatro da Pontifícia Universidade Católica (PUC), e são surpreendidos pela ação violenta de 3 mil policiais.

Sob comando do secretário da Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, a tropa, apoiada por blindados, investiu com truculência contra os estudantes, que tentavam se abrigar dentro da universidade. O prédio foi invadido pelos policiais, que prenderam alunos e espancaram professores. Bombas explodiram e seis estudantes sofreram queimaduras. Dezenas foram levados para o Dops.

A invasão da PUC foi uma das últimas ações violentas da ditadura contra o movimento estudantil. Três meses antes, em junho, já havia ocorrido a invasão da Universidade de Brasília (UnB) e da Faculdade de Direito da USP. O movimento, que começara a se reorganizar em 1976, ganharia cada vez mais impulso e fortaleceria a luta da sociedade pela redemocratização.



20 de setembro de 1929

## GETÚLIO PROPÕE ANISTIA, VOTO SECRETO E REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO

Em resposta à decisão de Washington Luís, de lançar o paulista Júlio Prestes, os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, unidos na recém-formada Aliança Liberal, indicam o gaúcho Getúlio Vargas para concorrer à Presidência.

O programa da Aliança Liberal era ousado: instituição do voto secreto, criação da Justiça Eleitoral, independência do Poder Judiciário e moralização do Poder Legislativo, centralização do poder nas mãos do Executivo federal e reforma administrativa do Estado. Assumia como responsabilidade do governo federal a reforma do ensino e a adoção de medidas protecionistas para outros produtos de exportação, além do café. Posicionava-se a

favor da industrialização do país. Defendia a liberdade de pensamento e de imprensa e a anistia para os revolucionários de 1922, 1924 e 1925-1927.

Quanto aos trabalhadores, em contraposição à política de Washington Luís, que considerava a questão social um caso de polícia, a Aliança Liberal propunha a criação de leis e medidas de proteção aos trabalhadores urbanos, como o direito à aposentadoria, férias e regulamentação do trabalho do menor e da mulher.

O candidato a vice-presidente na chapa de Júlio Prestes foi o baiano Vital Soares. Na chapa de Getúlio, concorreu o paraibano João Pessoa.





22 de setembro de 2008

## MILÍCIA MATA 15 NA MAIOR CHACINA DO PR

Quinze morrem e 8 ficam feridas em Guaíra, Paraná, na maior chacina já ocorrida no estado. Essa chacina se soma a várias outras que vêm ocorrendo desde 2003, sempre com a participação de grupos de extermínio formados por policiais e ex-policiais.

O avanço nas políticas de inclusão social observado a partir de 2003 não significou o fim dos problemas de segurança pública. Os anos 2000 foram marcados pela frequência de chacinas, cujas principais vítimas têm o mesmo perfil dos massacrados

no Brasil do século anterior: jovens negros da periferia das grandes cidades e trabalhadores rurais mortos em conflitos fundiários.

Em março de 2005, 29 pessoas foram mortas numa única noite nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados, na Baixada Fluminense, por grupos de extermínio, na maior chacina da história do Rio de Janeiro. Onze policiais militares seriam denunciados pelo Ministério Público pela participação nos crimes, que teriam sido motivados pela insatisfação

dos soldados com a linha-dura adotada nos batalhões após uma mudança de comando.

Em maio de 2006 foi a vez de São Paulo viver um massacre que também entrou para a história da cidade. Mais de 400 pessoas podem ter sido assassinadas em represália à morte de 43 funcionários das forças de segurança do estado durante os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC). A maioria das centenas de mortos era de negros pobres, moradores da periferia.

E o massacre do Paraná não seria o último. As violações de direitos humanos e os assassinatos violentos no presídio de Pedrinhas, no Maranhão, em 2010, ganharam os noticiários e seriam alvo de mobilização de entidades internacionais.

O relatório de balanço dos conflitos no campo entre 2000 e 2010, elaborado pela Comissão Pastoral da Terra, denunciaria o homicídio de 378 pessoas na década, em chacinas decorrentes da luta pela terra (e pela água) e de questões trabalhistas. Entre os principais massacres rurais se destaca o assassinato, em 2010, de 13 trabalhadores no assentamento Rio Cururuí, em Pacajá (PA).

O Estudo Global de Homicídios de 2011, feito pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) em 207 países, apontaria o Brasil como o recordista de assassinatos por ano, em números absolutos.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)*

[memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)



## TEORIAeDEBATE

Revista da Fundação Perseu Abramo - Edição Especial - Abril 2024



1964 - 2024

### 60 ANOS DO GOLPE CIVIL-MILITAR

ALBERTO CANTALICE - ELEONORA MENICUCCI - EMILIANO JOSÉ - FERNANDA ESTIMA - FREI CHICO - HENRIQUE NUNES  
HILDEGARD ANGEL - IVO LESBAUPIN - JAMES N. GREEN - JOSÉ DIRCEU - LUIZ EDUARDO GREENHALG - MARILENA CHAUI  
MATILDE RIBEIRO - MÁRYL VIANNA - MILTON TEMER - PAULO OKAMOTO - PEDRO ESTEVAM DA ROCHA DOMAR  
RAUL PONT - RUI FALCÃO - TARSO GENRO - VALTER POMAR - WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

# EDIÇÃO ESPECIAL

## 60 ANOS DO GOLPE

Informações e relatos sobre um período do Brasil que não foi superado e que, por isso, lutamos para que nunca volte a acontecer.

disponível para  
**DOWNLOAD!**



visite [teoriaedebate.org.br](http://teoriaedebate.org.br)



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores